ISSN 2359-053x

ANO 3 - NÚMERO 28 - FEVEREIRO 2017

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 10

GRAFITE
AS CORES DE TODO DIA
p. 10

ECOTURISMO
Azuis: o menor rio do Brasil
p. 18

SUSTENTABILIDADE
Trump: uma nova etapa na história?
p. 32

CULTURA
Xingu: o clamor que vem da floresta
p. 40

Xapuri
Um veículo de mídia independente, uma revista voltada para a defesa do meio ambiente e da qualidade de vida para as gerações presentes e futuras. Um conteúdo socioambiental, um texto leve, uma diagramação impecável.
Um espaço de luta.
De produção coletiva.
Um lugar de gente feliz.
Assim é a Xapuri. Há 28 meses estamos aqui, compartilhando nossos sonhos e nossos achados com você. Agora, para seguir adiante, precisamos da sua parceria.
Contamos com você
para seguir sonhando
e seguir lutando!
Por favor, assine a Xapuri:
www.xapuri.info/assine

> **Cada coisa tem sua hora e cada hora o seu cuidado.**
>
> Rachel de Queiroz

COLABORADORES/COLABORADORAS FEVEREIRO

Altair Sales Barbosa – Antropólogo. Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Eduardo Henrique – Estudante. Fotógrafo. Gustavo Gindre - Jornalista. Iêda Leal de Souza – Educadora. Escritora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Educadora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Leonardo Boff - Filósofo, Teólogo, Escritor. Lúcia Resende – Educadora. Robson Eleutério – Professor de História. Coordenador Instituto Cerratense. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Altair Sales Barbosa
4. Binho Marques
5. Graça Fleury
6. Jacy Afonso
7. Juan Pratginestòs
8. Elson Martins
9. Neusimar Coelho
10. Ronei Alves
11. Ieda Vilas-Bôas
12. Trajano Jardim

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 9926 0445. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Logística: Iasmin Reis. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info – bilíngue – todo o território nacional, países de línguas portuguesa e inglesa. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

A primeira forma de comunicação gráfica dos humanos na face da Terra foi o que chamamos hoje de grafite, ou grafito, como queiram. Tão antiga existência, porém, parece não dar salvo-conduto a essa maneira de se ocupar espaços públicos, com muita arte.

Isso é o que se deduz de ações como a da prefeitura de São Paulo, que mandou pintar de cinza os enormes paredões coloridos da Avenida 23 de Maio. O gesto provocou polêmicas diversas, que envolvem o tema da destinação dada aos logradouros públicos no País.

Começam, claro, pela diferenciação às vezes tênue, entre pichação e grafite. Alguns rabiscos, não raro com xingamentos ou palavrões, de fato não podem ser considerados arte. Ainda mais se feitos sobre monumentos e propriedades não autorizadas. Agora, desenhos elaborados, em locais apropriados, são outra história.

Este é o tema de capa desta Xapuri nº 28. Buscamos adentrar em todos os ângulos da questão, demonstrando que o grafite, embora perecível, é parte do mundo das artes, sim senhor, seu doutor.

Contudo, lamentavelmente, no Brasil ainda hoje nossas cidades cuidam do bem-estar de poucos, o que se reflete na forma de ocupação das áreas urbanas. Sua majestade, o automóvel particular, abarrota ruas, avenidas, praças, calçadas, em detrimento do pedestre, do ciclista e do transporte coletivo.

Aliás, exigências previstas ao automóvel, em nossas rodovias, estão sendo aplicadas aos ciclistas, que são penalizados por supostas infrações, em lugar de serem incentivados ao uso dessa modalidade de transporte. Este é mais um tema que tratamos nesta edição.

Trazemos, também, material inédito sobre a nova nomenclatura proposta pra divisão geoecológica do nosso mapa, em substituição à classificação por biomas, hoje utilizada. E, uma vez mais, abrimos a porteira a uma série de assuntos de largo interesse, mas pouco abordados pela grande mídia tupiniquim.

Os encantos e as ameaças sofridas pelo Parque Indígena do Xingu voltam a ser tema de escola de samba no Carnaval do Rio de Janeiro. Mesmo enfrentando a ira de ruralistas, que tentaram impedir a escola de desfilar e com isso esconder a realidade.

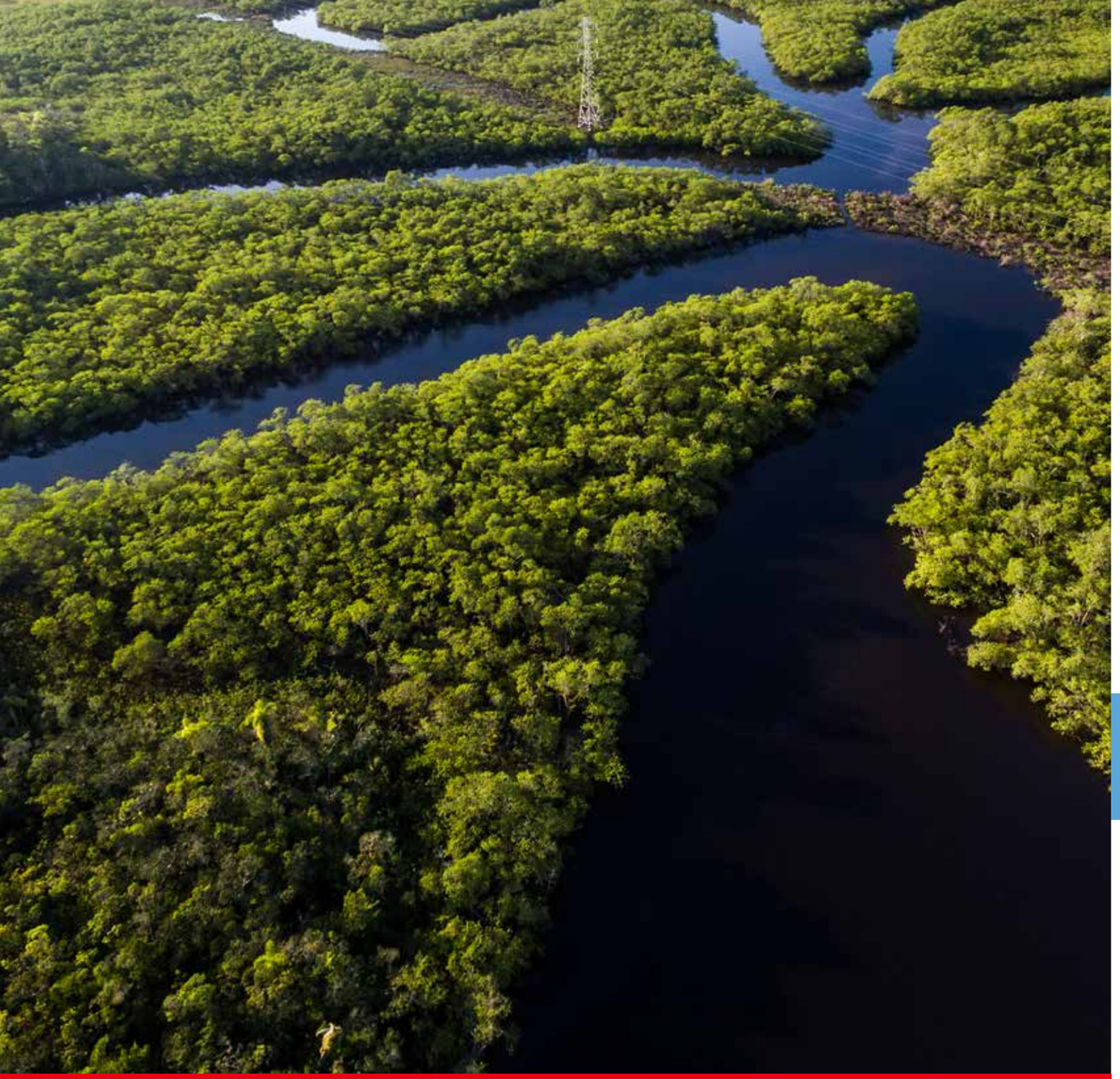
Tratamos, ainda, da história de Pagu, mais uma brasileira de lutas, do perfil do poeta que é a cara de Brasília e da passagem da Coluna Prestes pelo Planalto Central brasileiro.

Por fim, com muita tristeza, Xapuri reverencia a memória de Marisa Letícia Lula da Silva, que nos deixou prematuramente.

Boa leitura.

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA ANUAL 12 EDIÇÕES R$ 99,00

ASSINE JÁ!
WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 28 FEV 17

10 **CAPA**
Grafite
As cores de todo dia

17 **AMIGO ANIMAL**
Nosso grande amigo, o cavalo

20 **CIDADANIA**
Gente e livros: a literatura infanto-juvenil como contribuição na luta contra o racismo

24 **MITOS E LENDAS**
A lenda do Gogó de Sola

38 **UNIVERSO FEMININO**
A irreverente Pagu: Patrícia Rehder Galvão

40 **CULTURA**
Xingu: o clamor que vem da floresta

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

18 **ECOTURISMO**
Azuis: o menor rio do Brasil

22 **ECOLOGIA**
O Cerrado no quadro ambiental brasileiro

26 **PERFIL**
Nicolas Behr: o descobridor de Brasília

28 **GASTRONOMIA**
Arroz-doce moreno à moda antiga

32 **SUSTENTABILIDADE**
Trump: uma nova etapa na história?

44 **MEMÓRIA**
Marisa Letícia Lula da Silva

46 **URBANIDADE**
Bicicletas no alvo
Em um país de sinais trocados

48 **PLANALTO CENTRAL**
A saga da Coluna Prestes na região do Distrito Federal

50 **BIODIVERSIDADE**
Mocó: uma espécie ameaçada pela caça

Mensagens pra Xapuri

Gostei muito da matéria da Fazenda Milhã na edição 27 (janeiro/2017) da Revista Xapuri. Parabéns! – **Maria Christina Pacheco – Capivari – São Paulo.**

Matéria muito bem escrita e um script fiel à nossa história. Transmita nossos parabéns à Xapuri, assim como nossa alegria e agradecimento a você e a toda a família Milhã, por todos estes anos de parceria e colaboração. Juntos somos mais fortes. Este Caminho é devedor de muitos e impagáveis créditos a esta quarta e fantástica geração.
José Carlos Palma, criador do Caminho do Sol – São Paulo.

Tudo de bom.
Gosto de infância.
Sabor de liberdade,
Uma delícia que despertou
Em mim
Lembranças de tempos idos
Com sabor de saudade.
Noide Vieira – Formosa – Goiás, depois de testar a bolacha de cinco pratos, publicada na edição 27 (janeiro/2017).

Nada como a leitura da Xapuri em uma tarde de férias!
Antenor Pinheiro – Jornalista parceiro da Xapuri – Hidrolândia – Goiás.

contato@xapuri.info

As imagens mais populares da @revistaXapuri

@photosbyizalete

@raianasmoura

@edson_evaristo

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

AUMENTO DE ATAQUES A CAIXAS ELETRÔNICOS REFORÇA NECESSIDADE DE VIGILÂNCIA 24 HORAS

Explosões em caixas eletrônicos têm causado pânico e prejuízos à população do Distrito Federal. No ano passado, foram 34 ataques, quantidade que pode ser superada em 2017, caso a frequência desses crimes se mantenha. Só em janeiro, já foram três ocorrências, todas em agências do BRB. A última ocorreu na madrugada desta terça-feira (24), na Ceilândia.

Para tentar frear essas ações criminosas, o deputado distrital Chico Vigilante (PT) criou a lei de Vigilância 24 Horas, recentemente sancionada pelo governador Rollemberg. Pela Lei 5799/16, todas as unidades bancárias do DF devem ter vigilância ininterrupta inclusive aos finais de semana e feriados. A medida vale para as cooperativas de crédito.

"Com equipes de vigilância atentas e treinadas dentro dos bancos, além do aparato eletrônico de comunicação com a Polícia Militar, as ações destas quadrilhas serão coibidas, trazendo mais tranquilidade e segurança para o brasiliense", afirmou o deputado em nota enviada ao Sindicato.

VIGILÂNCIA CONSTANTE

A lei vem ao encontro dos esforços que o Sindicato vem empreendendo há tempos para proteger a vida de trabalhadores, clientes e usuários que circulam pelas agências bancárias. Logo após a sanção da lei, o Sindicato já cobrou resposta dos principais bancos e financeiras sobre quais medidas serão adotadas para cumprir as determinações do texto.

GRAFITE
AS CORES DE TODO DIA

Jaime Sautchuk

No dia em que completou 465 anos de fundação, São Paulo amanheceu mais acinzentada que de costume. Jatos de tinta cinza, desferidos por equipes da prefeitura municipal, encobriram os coloridos grafites das paredes da Avenida 23 de Maio, cumprindo determinação do prefeito João Dória (PSDB), que proíbe essa arte de rua na cidade.

Mais que surpreendente, a fulminante ação do governo local foi de chocar, por mudar de forma drástica a fisionomia de área importante da maior metrópole sul-americana. E gerou grande polêmica nacional em torno de uma manifestação artística tão antiga quanto a presença humana na face da Terra.

Na capital paulista, a lei municipal antipichação, que é de 2007, não prevê multas a autores, nem diferencia com clareza pichação de grafite, duas formas distintas de ocupação de espaços públicos.

As pichações são entendidas como rabiscos sem conteúdo claro ou com agressões a pessoas ou instituições. Normalmente, são feitas sem autorização dos proprietários dos espaços, às vezes sobre monumentos públicos ou mesmo sobre grafites. Até a década de 1990, eram aplicados também em campanhas eleitorais. Por isso tudo, são alvos de condenação quase unânime da população.

Já o grafite é autorizado, ou mesmo encomendado, e classificado como arte. Segue uma tradição milenar e hoje ocupa espaços nobres, no mundo inteiro. Uma enorme parede externa da fleumática Tate Modern, em Londres, por exemplo, é ocupada por um grafite.

Os autores do painel são os

irmãos brasileiros Gustavo e Otávio Pandolfo, gêmeos nascidos em São Paulo, em 1974. São conhecidos internacionalmente como "OsGemeos" e têm obras em paredes de muitos outros países, entre os quais Alemanha, Estados Unidos e Cuba.

Nos primeiros 20 dias de 2017, 13 pessoas foram presas pela Guarda Municipal paulistana por fazerem pichações. Nesses casos, foi parcialmente aplicada a Lei de Crimes Ambientais, de abrangência nacional, que prevê prisão e multa. Mas também tem gerado controvérsia.

ALCANCE

Apesar de ter obtido mais realce na grande mídia, pelo seu gigantismo, a medida paulistana não é solitária. Belo Horizonte, outras capitais e cidades de pequeno e médio portes também abriram guerra aos grafiteiros.

Mesmo reconhecendo que essas mesmas localidades enfrentam sérios problemas, que mereceriam atenção prioritária de seus gestores, como bueiros entupidos, esgotos a céu aberto e calçadas precárias, que enfeiam o cenário urbano.

Segundo um vídeo que circula nas redes sociais da Internet, um rapaz, grafiteiro da capital mineira, foi condenado a oito anos de prisão, sob acusação de agressão ao meio ambiente. Esta seria uma penalidade desproporcional, alega o VT, pois naquele estado está o Rio Doce, vítima de um dos maiores crimes ambientais que se tem notícia, sem que os culpados tenham sido punidos e os danos ao menos mitigados.

Em Curitiba, uma lei de 2013 fixa multa de R$ 1.600,00 a pichadores pegos em flagrante. Também lá, porém, as diversas polícias batem cabeça ao diferenciar a ação desses contraventores da atividade de artistas de rua.

Em São Paulo, os mais de 70 murais apagados foram encomendados pela gestão anterior da prefeitura, de Fernando Haddad (PT), por meio do "Projeto 23 de Maio", implantado há três anos. O coordenador desse projeto é o grafiteiro Binho Ribeiro, que tem murais de sua autoria expostos em mais de 40 países.

Em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, Binho disse que "o que ele (Dória) está fazendo na 23 de Maio me parece muito mais pirraça do que uma atitude coerente". Ele acusa o atual prefeito de tentar apagar marcas de seu antecessor no cargo.

Em resposta às críticas recebidas, o prefeito entrou em contradição, ao dizer que "vamos apagar mesmo, porque os grafiteiros estão destruindo a cidade". Ao mesmo tempo, porém, ele determinou à Secretaria Municipal de Cultura que organize um "festival do grafite", destinado a ocupar "espaços específicos da cidade".

Num primeiro momento, contudo, nenhum dos grafiteiros convidados pra gerenciar esse processo aceitou a tarefa. Todos alegam que a Prefeitura agiu unilateralmente ao apagar as obras e agora busca apoio a uma ação que não está colocada com clareza.

De todo jeito, a atitude do governo local deixa claro que as cores dos grafites fazem parte da vida da cidade, mas que estariam carecendo de regulamentação.

CORES DA NATUREZA

Em andanças pelo Brasil Central, de 1816 a 1822, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire escreveu que "o Cerrado é um jardim permanente florido". De fato, em cada período do ano diferentes cores tomam conta dos cenários cerratenses, nas próprias flores, mas também nas folhas de árvores e ramos de capins.

Embora temporárias, essas presenças são esperadas e têm diversos significados às populações tradicionais. Determinam datas de festas, dão nomes a pessoas, curam doenças e principalmente encantam os ambientes.

Mais passageiras ainda são outras manifestações da natureza, como o pôr-do-sol e o arco-íris, por exemplo, que enchem os olhos e as almas das pessoas. São verdadeiras obras de arte, fugazes, admiradas por todos em qualquer parte do mundo, onde possam ser vistos.

Ou seja, o colorido dos ambientes faz parte da vida das pessoas, vivam elas em zonas rurais, remotas, ou nos mais turbulentos centros urbanos. Elas inventam formas de, por meio das cores, dar mais alegria ao viver, e nisto se encaixa também o grafite.

As cidades brasileiras são cheias de exemplos dessas iniciativas. É o caso dos ladrilhos das casas e prédios de São Luís, no Maranhão, por exemplo, ou das calçadas do Rio de Janeiro. E, nas escolas do país inteiro, é natural o cuidado com os detalhes multicoloridos de cada ambiente de convívio.

Entram em cena, de igual modo, os parques e jardins existentes nas cidades brasileiras. Isso, apesar de uma acentuada tendência a usar todos os espaços públicos possíveis em benefício do automóvel

particular, eleito como o principal agente da mobilidade urbana na maioria de nossos centros urbanos.

Todos concordam, contudo, com a opinião de que os cenários de coloração achatada são monótonos e parecem entristecer as pessoas, esvaziar o viver.

A literatura científica é repleta de estudos sobre esse tema. O filósofo alemão Martin Heidegger afirmava que "mais filosófica que a ciência e mais rigorosa, ou seja, mais próxima da essência da coisa – é a arte."

HISTÓRIA

As inscrições rupestres de nossos ancestrais são tidas como as precursoras do grafite. O mesmo ocorre com os papiros, no Egito Antigo, e os murais da Grécia Clássica. Mas foi no Império Romano, desde quatro séculos antes de Cristo, que a literatura de rua, quase sempre ilustrada, passou a ser amplamente difundida.

Na Roma Antiga, a forma de comunicação dos governantes com sua extensa população eram os editais públicos. Nas paredes eram afixados os anúncios oficiais, como novas leis, normas de uso dos espaços urbanos, demandas diversas e até ofertas de emprego. Com o tempo, passaram a abrigar também obras literárias ou desenhos, alguns deles de cunho erótico.

Está naquele tempo a própria gênese da palavra "grafite", nascida em italiano, como "graffito", ou "graffiti", no plural. Significa, no dizer do dicionário Houaiss, "inscrição ou desenho feito em rochas ou paredes, em épocas antigas".

Esse fulgor entrou em decadência, contudo, com o início da Idade Média, em que o obscurantismo da Igreja Católica impingia forte censura à livre manifestação de pensamento. A Inquisição borrava de cinza os avanços das ciências e quaisquer manifestações que insinuassem a busca por liberdade, dando fim trágico a gente como Galileu Galilei, Joana D'Arc e tantos outros casos bastante conhecidos.

Este longo período de escuridão foi marcado, também, pela baixa taxa de alfabetização das populações, provocada por políticas de poucas escolas e de dificuldades impostas à circulação do conhecimento. Em muitas cidades da Roma Antiga, ao contrário, a taxa de alfabetização das populações chegava a 30%, conforme registros da Unesco.

Com o Renascimento, no mundo ocidental surgiu a máquina impressora, adaptada pelo alemão Johannes Gutemberg, nos idos de 1450, baseado em experiência chinesa iniciada 500 anos antes. Com isso, os materiais de divulgação ganharam as ruas, escolas e gabinetes, só que agora impressos, em formas rudimentares de papel.

Com isso, a comunicação via muros e paredes entrou em declínio, mas nunca a ponto de sumir do mapa. Desde a Revolução Francesa, entretanto, ela voltou com força total, sendo muito difundida no mundo inteiro, com destaque aos períodos das duas Guerras Mundiais.

IDEOLOGIA

No entanto, a origem do grafite que vemos hoje nas ruas do mundo inteiro, em sua forma e conteúdo, é mais recente. Vem do movimento da Contracultura e das manifestações de Paris da década de 1960. As liberdades de cada um, respeito aos direitos humanos, igualdade, fraternidade, paz e amor eram desde lá seus temas prediletos.

Nos anos 1970, a arte de rua ganhou grande notoriedade com a atuação de Jean-Michel Basquiat, filho de pai haitiano e mãe porto-riquenha, nascido nos EUA. Aos 17 anos, já ele chamava a atenção de jornais de Nova Iorque por suas pinturas em prédios abandonados da cidade, assinadas com uma sigla que significava "sempre a mesma merda".

Ele ganhou rápida notoriedade, inclusive junto à rigorosa crítica de arte de jornais como o New York Times, que caracterizou seu trabalho como "neo-expressionista" e o colocava entre os principais artistas plásticos na segunda metade do século 20. Ele foi casado com a cantora Madonna e parceiro dileto de Andy Warhol, o ícone maior da Contracultura, e no Brasil foi citado até em música do maranhense Zeca Baleiro.

LEGISLAÇÃO

É certo que, muitas vezes, é difícil diferenciar a pichação do grafite, fato que tem sido levantado no debate atualmente em curso. A *"estêncil-art"*, que é a aplicação em série de textos ou desenhos a partir de um molde em cartolina, foi muito usada há algumas décadas, mas caiu em desgraça por passar a servir à publicidade de empresas.

Ao mesmo tempo, essas formas de manifestação podem ser usadas pra difusão do ódio, discriminação e violência. Em Brasília, por exemplo, uma pichação com os dizeres "Comuna bom é comuna morto" ficou exposta em área central da cidade por vários anos, no final da década de 1990.

Isso dificulta de alguma forma a aplicação da legislação disponível no país na ordenação do uso dos espaços públicos com vistas ao bem-estar da população. Esse problema é enfrentado também pelas redes sociais na Internet, embora nesse caso seja mais fácil localizar possíveis infratores, pelo rastro que deixam.

Muitos municípios têm adotado legislações específicas, normalmente fortalecendo a prática de atividade. Em Sorocaba (SP), a câmara de vereadores local foi além, criando a "Semana Municipal do Grafite e da Arte Urbana", que prevê atividades escolares e comunitárias voltadas ao tema, no mês de março.

É certo, contudo, que uma legislação federal específica se faz necessária. E esta provavelmente seguirá os conceitos e normas aplicadas aos meios de comunicação convencionais, ou seja, rádio, televisão e mídia impressa.

O que não seria tolerável, no entanto, é a proibição pura e simples desse tipo de manifestação, ato típico de governos autoritários. Em vez de impor ordem no setor, a ilegalidade apenas traria a desordem e o completo descontrole.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

EU FAÇO CULTURA

Por meio do **Eu Faço Cultura**, a **Fenae** está democratizando e ampliando o acesso a bens e produtos culturais. Faça parte do movimento que transforma e enriquece culturalmente, sem preconceitos, o nosso **Brasil**.

Eu faço Cultura em 2016

- 800 mil pessoas com acesso à plataforma
- 80 mil ingressos de teatro
- 6.300 entradas de cinema
- 3.550 livros para 885 bibliotecas
- 80 cidades, em 20 estados e no DF
- 500 produtores culturais habilitados

www.eufacocultura.com.br

FENAE FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

NOSSO GRANDE AMIGO, O CAVALO

O cavalo é um mamífero muito antigo, da ordem dos ungulados pertencente à espécie Equus ferus. O filhote do cavalo é chamado potro e o feminino do cavalo é a égua. A mula e o burro são híbridos do cavalo, que vive de 25 a 40 anos e é parente distante dos rinocerontes, das zebras e das antas.

Para se defender de seus predadores na natureza, o cavalo aprendeu a correr. Hoje a raça mais rápida de cavalos, o puro-sangue inglês (thoroughbred), alcança uma velocidade de 60 km/h. Depois de servir como meio de transporte por vários séculos, o cavalo continua sendo muito usado na área rural, principalmente na agricultura familiar.

No Brasil, essa criatura milenar é hoje fundamental em tratamentos humanizados como a equoterapia, que traz para a saúde humana benefícios como mobilização pélvica, coluna lombar e articulações do quadril; melhora do equilíbrio e da postura; desenvolvimento da coordenação de movimentos entre tronco, membros e visão, e estímulo às sensibilidades tátil, visual, auditiva, olfativa, melhorando a integração sensório-motora.

Esse animal tão amigo do ser humano chegou ao Brasil em três levas, logo no início da colonização portuguesa: em 1534, na Vila de São Vicente; em 1535, na Capitania de Pernambuco; e, na mesma época, na Bahia. E, nas três ocasiões, os animais foram trazidos por Tomé de Sousa.

ECOTURISMO

AZUIS
O MENOR RIO DO BRASIL

Robson Eleutério

O menor rio do Brasil é o rio Azuis. Localizado a 470 km de Brasília, o rio Azuis fica no povoado de Azuis, próximo a Aurora do Tocantins, cidade tocantinense onde, por estar contornada pela Serra Geral, o sol aparece sempre mais tarde.

De sua nascente à desembocadura, no rio Sobrado, o rio Azuis mede apenas 147 metros. Nascido no sopé de um morro, bem próximo à rodovia TO-110, na divisa do município de Taguatinga, no Tocantins, o rio Azuis foi classificado pelo Guinness Book como o terceiro menor rio do mundo e menor da América Latina.

Ao longo de toda a sua pequena extensão, o rio Azuis forma uma piscina transparente e límpida de belas águas termais verde-azuladas que deslizam sobre um relevo bastante suave, tornando-o um espaço bastante atraente para o lazer da população de Aurora do Tocantins e região.

O acesso ao rio Azuis pode ser feito por uma estrada pavimentada, que sai da TO-110. Às suas margens, há pequenos bares e restaurantes que pratos típicos do Tocantins. Entretanto, a visitação em massa vem causando danos ambientais relevantes à nascente e ao leito do rio.

Por essa razão, recomenda-se que estudos de capacidade de carga para a visitação sejam realizados com urgência para garantir a preservação do menor rio brasileiro, que é também o menor rio da América Latina.

Robson Eleutério
Professor de História.
Coordenador Instituto Cerratense.

Fotos: Robson Eleutério

GENTE E LIVROS:
A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO CONTRIBUIÇÃO NA LUTA CONTRA O RACISMO

"A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio. "
Martin Luther King

Iêda Leal de Souza

É sabido que a escola é um espaço de contribuição significativa na luta contra o racismo. Por essa razão, lutamos para a criação da Lei que tornou obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira na Educação Básica: a Lei 10.639/03. Mas não basta apenas ter a Lei, é preciso implementá-la. E como podemos fazer isso?

Não precisamos reinventar a roda. Podemos nos apropriar daquilo que já temos. Um dos instrumentos pedagógicos que cada professor e professora pode e deve utilizar é o livro literário. A literatura é mágica e pode tomar proporções grandiosas, caso seja trabalhada no espaço escolar de maneira lúdica para reconstruir nossas visões sobre as representatividades culturais e identitárias de um povo. Para isso precisamos de Gente e Livros.

A literatura pode alcançar a necessidade das pessoas. Pode influenciar uma cultura ou a visão que se tem sobre ela. Pode fazer com que as boas experiências extrapolem os muros da escola. Precisamos começar cedo com nossas crianças e adolescentes. Se queremos contribuir para formar cidadãos livres do racismo e dos preconceitos, a literatura pode ser um caminho.

Os livros de literatura já estão presentes no cotidiano da escola e há uma produção enorme de obras que abordam a ideologia do racismo. É preciso que o professor e a professora abram espaços para essa literatura que contempla a diversidade, para aquelas obras que talvez não sejam tão conhecidas, mas que traduzam as condições históricas e os enredos dos povos negros e afro-brasileiros.

Essas obras estão lá, nas prateleiras das nossas bibliotecas e salas de leitura, aguardando leitores que deem vida aos mais variados personagens, por meio da leitura individual ou coletiva, ou da contação de histórias. Com essas ações, os estudantes poderão aprender histórias fantásticas sobre o povo negro, suas sagas, e descobrir que o mundo pode ser visto de diversas maneiras. Podemos avançar, inovar e produzir novos conhecimentos para explicar nossa existência aqui neste nosso universo.

É preciso continuar acreditando que podemos construir um mundo sem racismo. Por muitos anos o currículo da Educação Básica ignorou a diversidade racial. Precisamos reelaborar nossos currículos e os colocar em prática. Na escola podemos organizar momentos de se aprender com histórias escritas que são capazes de representar, modificar ou sedimentar culturas. É preciso dar visibilidade e impedir a morte daqueles autores que se empenham na construção da diversidade. Não é tarefa fácil, mas muito prazerosa tanto para os estudantes como para os educadores, estimular e dar consistência política para esse momento de leitura.

Ao final deste texto, seguem algumas recomendações de leituras a serem realizadas de forma coletiva, isto é, seguindo um compromisso básico: as histórias não poderão parar em nós mesmos. São necessários a leitura e o compartilhamento delas em sala de aula, nas casas, em seus outros locais de trabalho fora da escola, enfim, em todos os locais onde for possível dividir segredos nascidos de olhares silenciosos, provando que um outro mundo pode nascer e encantar pessoas. É isso, dividir visões para encher os olhos e fazer transbordar ideias, valorizar mais as vidas.

São livros que possuem palavras coloridas, cheias de verdades pulsantes. A simples ação de lê-los e organizar as conversas sobre essas histórias no cotidiano da escola irá fortalecer a percepção de uma grande maioria sobre a riqueza da diversidade política cultural, econômica e social dos povos de origem africana. A literatura enquanto arte nos possibilita romper com a normatização, configurando novas perspectivas de enxergar e representar o mundo.

Esses livros sairão das prateleiras e ganharão vida em cada pessoa que ousar repetir as histórias, para que essas histórias ganhem o nosso mundo e que de boca em boca instale o milagre da multiplicação. Será assim, através da contação dessas obras, que continuaremos o trabalho de combate ao racismo para garantir cidadania e respeito.

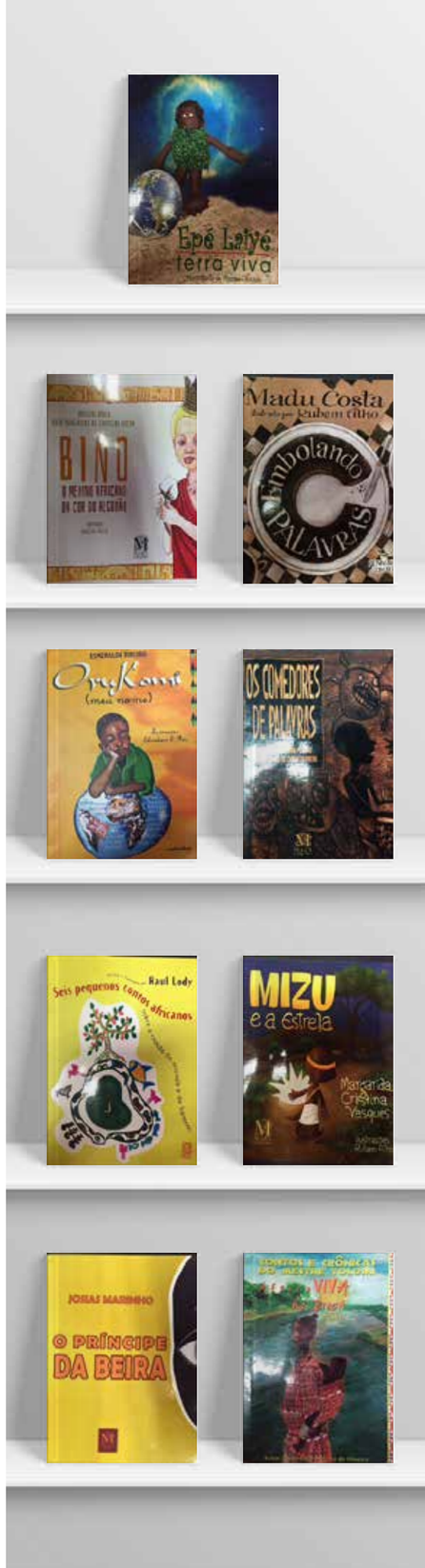
Desse modo, promovendo mais um passo para a igualdade racial. Assumindo compromissos... Compromisso de quebrar esse silêncio nos espaços escolares. Compromisso de garantir um currículo que dê conta da diversidade humana. Compromisso de fazer com que as pessoas ao entrar em uma escola possam sentir parte dela. Compromisso de transformar as escolas em espaços de reviver histórias de luta e sobrevivência de todos os povos.

Compromisso com uma escola sem racismo. Existir e Resistir pelas histórias e suas narrativas. Conheçam histórias para serem vividas:

- Epé Laiyé terra Viva – Maria Stella de Azevedo Santos – uma história que nós devemos ver! " – um depoimento de amor a nossa natureza;
- Bino o menino africano da cor do algodão – Marcial Ávila e Rosa Margarida – uma história recheada de sabedoria;
- Embolando palavras – Madu Costa – uma relação que traduz resistência;
- OruKomi (meu nome) – Esmeralda Ribeiro – uma história que traz vida;
- Os comedores de palavras – Edimilson de Almeida e Rosa Margarida – um alimento sagrado capaz de transformar o mundo;
- Seis pequenos contos africanos de Raul Lody – sobre a criação do mundo;
- Mizu e a estrela – Margarida Cristina Vasques – andar pelo mundo distribuindo palavras;
- O príncipe da Beira – Josias Marinho – um Príncipe que se orgulho de seu trono: o colo da mãe;
- Contos e crônicas do mestre Talomi/ A África viva no Brasil – Paulo César Pereira de Oliveira – uma homenagem a nossa ancestralidade.

Iêda Leal de Souza
Vice-Presidenta do SINTEGO. Secretária de Combate ao Racismo da CNTE. Conselheira do Conselho Estadual de Educação - CEE/GO Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzáles. Vice Presidenta da CUT – Goiás.
filhaleal@yahoo.com.br

Fotos: Iêda Leal de Souza



O CERRADO NO QUADRO AMBIENTAL BRASILEIRO

Altair Sales Barbosa

O Brasil possui sete grandes matrizes ambientais, denominadas por Ab'Saber como Domínios Morfoclimáticos e Fitogeográficos. Outros estudos as denominam Biomas, que talvez o conceito não seja muito apropriado, pois tende a enfatizar um clímax vegetacional, muitas vezes não corroborado pela história evolutiva do espaço em questão.

Desde 2002, Barbosa sugere a utilização do conceito biogeográfico, classificando cada grande matriz ambiental como um sistema que engloba diversos subsistemas, destacando ainda os microambientes específicos existentes em cada subsistema.

Um sistema biográfico envolve um conjunto de fatores atmosféricos, hidrosféricos, litosféricos e biosféricos, incluindo as populações humanas. Como esses fatores estão intimamente interligados, a modificação em qualquer um deles provoca modificação no sistema como um todo, onde as diferentes faces do sistema se mostram como subsistemas interatuantes.

SISTEMAS BIOGEOGRÁFICOS BRASILEIROS

SISTEMA	MATRIZ E CLIMA	LOCALIZAÇÃO E ABRANGÊNCIA
Amazônico	Matriz do Trópico Úmido, coberto pela floresta úmida amazônica.	Norte e noroeste do Brasil. Abrange os baixos platôs tabuliformes, as grandes planícies, subsetores mamelonizados florestados e montanhas florestadas das encostas orientais andinas, até 600 metros de altitude.
Roraima Guianense	Matriz úmida tropical da Gran Sabana, coberta por vegetação campestre denominada Campos do Rio Branco e Tumucumaque.	Situado como um enclave dentro do Sistema Biogeográfico Amazônico, na fronteira entre Roraima, a Venezuela e as antigas Guianas.
Sistema Biogeográfico das Caatingas	Matriz do Trópico Semiárido, coberto por vegetação de caatinga, que é uma mata rala, popularmente denominada Sertões Secos.	Áreas de depressões interplanálticas do nordeste brasileiro, com clima de caráter semiárido, drenagens intermitentes e sazonárias.
Tropical Atlântico	Constitui a grande matriz paisagística da Mata Atlântica, com clima de caráter úmido e superúmido.	Situado na fachada atlântica tropical do Brasil, desde as costas do Rio Grande do Norte, até o Trópico de Capricórnio. No seu limite sul, prolonga-se pelo interior, em áreas do oeste paulista e norte do estado do Paraná.
Planaltos Sul-Brasileiros	O clima tem caráter temperado.	Áreas planálticas subtropicais atlânticas, cobertas por um velho núcleo de araucárias.
Pradarias Mistas Subtropicais		Metade sul do estado do Rio Grande do Sul e grande parte do Uruguai. É conhecido regionalmente por Coxilhas ou Pampas, com campos e florestas galerias subtropicais.
Cerrado	Constitui a grande matriz ambiental do Trópico Subúmido, coberto por uma paisagem vegetal que constitui um mosaico de tipos fisionômicos, que variam desde campos com bastante claridade até áreas florestadas sombreadas.	Planaltos centrais do Brasil, onde imperam climas tropicais de caráter subúmido com duas estações, uma seca, outra chuvosa.

Esse modelo fisiográfico sofreu modificações, por questões não ambientais, mas de geopolítica ou especificamente políticas e econômicas. Por exemplo:

- O Pantanal Mato-Grossense não passa de um subsistema integrante do Sistema do Cerrado, mas como existe um movimento social crescente para incluir o Cerrado como Patrimônio Nacional, que entra em contradição com o Planejamento Econômico do Brasil, que considera o Cerrado área de expansão da fronteira agrícola, desmembrou-se o Pantanal, transformando-o em Patrimônio Nacional, o que não significa que esteja livre da expansão agropastoril, trata-se apenas de uma ilusão.
- O Sistema Roraima-Guianense, apesar de possuir uma vegetação de gramíneas, passou a integrar o Sistema Amazônico.
- O Sistema dos Planaltos Sul-Brasileiros, que ostenta um velho manto de araucárias e se encontra em terras altas subtropicais, passou a integrar o Sistema Tropical Atlântico.

A atual classificação não reflete o que representam as matrizes ambientais do Brasil. O Sistema Biogeográfico do Cerrado, pela posição geográfica, pelo caráter florístico, faunístico e geomorfológico constitui o ponto de equilíbrio desses variados sistemas, uma vez que se conecta, através de corredores hidrográficos e de migração, com todos eles.

Os chapadões centrais do Brasil, cobertos pelo Cerrado, constituem a cumeeira do Brasil e também do continente, pois distribuem significativa quantidade da água que alimenta as principais bacias hidrográficas continentais.

O Cerrado abrange em sua totalidade os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Inclui a parte leste de Mato Grosso, o oeste da Bahia, noroeste e centro de Minas Gerais, sul do Maranhão, grande parte do Piauí e prolonga-se, na forma de corredor, até Rondônia. E, de forma disjunta, ocorre em certas áreas do nordeste brasileiro e em parte de São Paulo. Ecologicamente, se relaciona às savanas. Entretanto, se comparado com as savanas africanas, a história evolutiva do Cerrado apresenta diferenças marcantes. No Brasil, este tipo de paisagem recebe denominações diferentes, de acordo com a região: Gerais, em Minas e Bahia, Tabuleiro, na Bahia e outras áreas do Nordeste, e ainda, Campina, Costaneira e Carrasco, dependendo da região.

Nenhuma dessas designações populares reflete a sua totalidade ecológica, referindo-se apenas a uma modalidade fisionômica, às vezes associada a uma ou outra configuração geomorfológica, ou puramente botânica. Fato que não tem sido suficiente para demonstrar a totalidade e a importância ecológica do cerrado, uma vez que destaca ou enfatiza apenas parcelas fragmentadas de sua composição.

Quando isso acontece, o caráter da biodiversidade, elemento marcante da ecologia do cerrado, não recebe a importância merecida, nem sequer pode ser compreendida nos seus aspectos fundamentais. Nesse sentido, a utilização do paradigma biogeográfico tem demonstrado ser um referencial de fundamental importância para o entendimento do cerrado, em sua globalidade. Compreendendo os diversos matizes, tanto abertos e sombreados, como subsistemas interatuantes e integrantes decisivos de um sistema maior.

O conceito biogeográfico tem ressaltado a importância que o Cerrado exerce para o equilíbrio dos demais sistemas do continente, além de demonstrar que a principal característica da sua biocenose é a interdependência dos componentes aos diversos ecossistemas. Portanto o cerrado é um Sistema Biogeográfico, composto por diversos subsistemas intimamente interatuantes e interdependentes. Cada subsistema tem uma história ocupacional, que consequentemente reflete seu nível de degradação. Estes subsistemas flutuam de um gradiente aberto com claridade, para gradientes sombreados.

Altair Sales Barbosa
Doutor em Antropologia e Arqueologia pela Smithsonian Institution Washington D.C. Pesquisador do CNPq. Especialista em Geologia do Quaternário.

A lenda do GOGÓ DE SOLA

Fábula ou realidade, o Gogó de Sola é criatura muito valente da mitologia acreana. Diz a lenda que sua dentada é tão forte que, quando morde uma presa, só solta depois de ter a própria cabeça cortada. Agressivo e ligeiro, é temido porque não tem bala que o acerte; com ele só no porrete, conta-se nas terras do Aquiry. O relato conhecido mais antigo desse mito data de 1938 e encontra-se no livro Folclore Acreano, de Francisco Peres de Lima, conforme documentado por Luís da Câmara Cascudo em Geografia dos Mitos Brasileiros (1947), 1ª reimpressão, Editora Global, 2010:

"Esse animal é assim chamado por ter uma parte no pescoço idêntica à de um couro curtido. Como a História Natural não afirma a existência desse animal, nós não podemos afirmar algo sobre sua vida. Supõe-se ser o Gogó de Sola um cão do mato, atacado de hidrofobia; tanto assim que só nos meses de fevereiro e março, devido à metamorfose da doença, é que ele é encontrado.

Possui o nocivo animal uma agilidade extraordinária, as suas dentadas são perigosíssimas e assemelham-se às das cobras venenosas; o seu tamanho é invulgar pela pequenez, por isso, o homem, quando atacado, não pode lançar mão das armas de fogo como meio de defesa, porque seria inútil. A arma mais apropriada para esse caso é o terçado ou cacete.

No mato, anda sempre trepado nos galhos das árvores, saltando de um lado para outro, numa aflição bem caracterizada de loucura.

Todo animal selvagem, a princípio, tem medo do homem; entretanto, isto não se dá com o Gogó de Sola que, apesar do seu tamanho minúsculo, avança contra o homem em uma fúria inenarrável. É comum, nos meses acima referidos, esse animal, em bando, sair nos lugares de habitação, causando verdadeiro terror aos moradores."

SINDPD-DF CONVOCA ESTUDANTES PARA ENGAJAR NA DISCUSSÃO DA REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE TI

O movimento sindical da Tecnologia da Informação (TI) promove uma luta histórica pela regulamentação da profissão, que já soma mais de 30 anos. No ano de 2016, o SINDPD-DF retomou a discussão com duas sessões solenes nas Câmaras dos Deputados e Distrital, assim como promoveu um seminário para discutir os desafios e direitos dos trabalhadores de TI. O evento reuniu palestrantes da Fenadados, de sindicatos, trabalhadores do setor, representante de empresas e estudantes.

Para a Direção do SINDPD-DF é muito importante que os estudantes se engajem na discussão sobre a regulamentação da profissão e tenham a oportunidade de conhecer de perto o mercado de trabalho e os desafios que terão pela frente.

"O mercado sem regulamentação propicia a precarização das relações de trabalho, a desvalorização profissional com pisos salariais muito baixos e o aumento da contratação de Pessoas Jurídicas, o adoecimento dos trabalhadores, entre outros", ressalta Edson Simões, secretário-geral do sindicato.

Com a regulamentação, o sindicato acredita no fortalecimento das relações de trabalho, melhor organização dos trabalhadores, combate ao déficit de profissionais e estímulo aos novos talentos.

DIFICULDADES PARA REGULAMENTAR

No debate foram apresentadas as dificuldades políticas ao longo desses anos para a aprovação do projeto da regulamentação. A grande discussão atual é a respeito das formas de regulamentar:

1) Com conselho da categoria

2) Sem conselho da categoria

3) O exercício e cadastramento sob a responsabilidade do sindicato.

A defesa do SINDPD-DF é pela regulamentação da profissão sem conselho cartorial nos moldes atuais. O conselho de classes é uma autarquia especial ou corporativa, com poderes delegados pela União para fiscalizar os trabalhadores de profissões regulamentadas de uma determinada categoria, em prol da defesa da sociedade, sendo obrigatório o pagamento das anuidades sob pena de o profissional inadimplente não ter permitida sua atuação. Essa majoração de anuidades e taxas, por exemplo, não está sujeita a controle externo e que limite o poder desses conselhos.

O conselho ou associação civil defendido pelo sindicato é para certificar habilitações e capacidades e fiscalizar as ações dos profissionais, mesmo de quem não seja participante, e utiliza os meios legais para efetivar punições e buscar reparações aos maus profissionais e aos entes que agem com desconformidade. Isso é feito de forma compartilhada entre os representantes dos trabalhadores da categoria e caberá à sociedade a escolha por um trabalho certificado e fiscalizado por esse conselho ou trabalhos sem as conformidades técnica e ética que podem prejudicá-la.

O QUE É REGULAMENTAR A PROFISSÃO DE TI?

É criar uma lei para a categoria que definirá quem é o trabalhador de TI, quem pode trabalhar na profissão, qual a formação exigida, as principais atividades/campos de atuação, entre outros. Nela estão os direitos e deveres do trabalhador e dos empregadores. Nos tempos atuais outros debates se fazem necessários como o direito de propriedade do trabalhador.

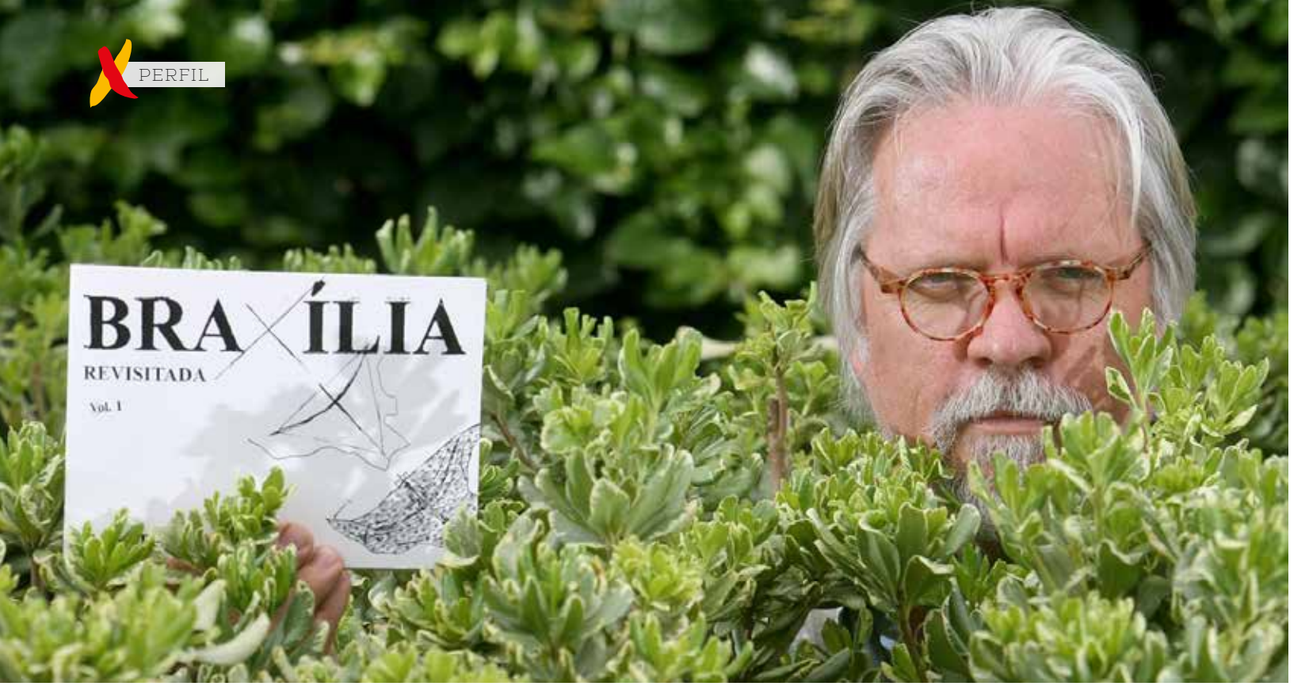


Foto: www.mailarmargens.com/

NICOLAS BEHR

O DESCOBRIDOR DE BRASÍLIA

Jaime Sautchuk

Se formos desencavar a gênese de Brasília, no baú encontraremos os nomes de Cruls, o inventor; Niemeyer, o criador; JK, o implantador; e Nicolas Behr, seu descobridor. Um, com mapas e astronomia. Outro, com arquitetura e urbanismo. Outro mais, com projetos e concreto armado. E o seguinte, com poesia. Todos com ousadia, criatividade, vontade e muita competência.

Os intrigantes e geniais traçados de Lúcio Costa, cores e plantas de Burle Marx, mais as edificações do Oscar emprestaram ao poeta suas nuances e segredos. As linhas tortas do Cerrado, as dicas do passado e revelações do futuro ganham formas em palavras escritas, quase desenhadas, de poemas pós-modernos.

Nascido em Mato Grosso, em 1958, Nikolaus Hubertus Josef Maria von Behr viveu até a adolescência entre Cuiabá, a capital, a fazendola dos pais e o colégio interno de padres jesuítas na remota Diamantino. Os sertões do Centro-Oeste, nas beiradas da Amazônia, lhe proporcionaram uma infância muito feliz, segundo ele conta.

Em 1974, contudo, a família se mudou de mala e cuia pra Brasília, em busca de vida nova. Estudando no então efervescente Colégio do Setor Leste, já com o nome resumido a Nicolas Behr, ele se meteu com política estudantil e literatura, muito presentes naquela escola pública da capital.

Três anos depois, lançou seu primeiro livreto artesanal de poemas, com o sugestivo título de "Iogurte com Farinha". Em formato de bolso, estilo cordel, impresso em mimeógrafo a álcool, com tiragem de 8.000 exemplares, a obra era vendida por ele próprio, de mão em mão, em praças, universidade e principalmente bares. Um sucesso.

Por bom tempo, tirou dali seu sustento, embora de custo baixo, já que morava com os pais. No ano seguinte, publicou mais três, no mesmo formato: "Grande Circular", "Caroço de Goiaba" e "Chá com Porrada". Ganhou destaque na "Geração Mimeógrafo", como ficou conhecida a poesia marginal produzida à época no Brasil inteiro, que incluía gente como o paranaense Paulo Leminsky.

Mas, logo Nicolas foi preso pela polícia política da ditadura, sob a acusação de "porte de material pornográfico". A justiça o impediu de publicar novos livros, de agosto de 1978 a março de 1979, mas nesse período ele produziu a série "O que me der na telha", que eram versos grafados em telhas de barro, por ele mesmo moldadas. Absolvido das acusações, seguiu adiante.

O estilo enxuto, afiado, já estava assentado. Em um dos pequenos volumes ele já explicava, em versos, seu jeito de versejar: "estes são poemas minuto / que foram escritos para / serem lidos em segundos / e pensados por horas".

Pra ele, a poesia deve conter uma dose de humor e muita leveza, pois "o que pesa, afunda". Outra característica de seus poemas é o descaso com a rima, que muitas vezes nem dá as caras, dando lugar a uma certa harmonia na leitura e no próprio visual do versado, que segue um ritmo brasiliense, por assim dizer.

No ano seguinte, lançou mais dez livretos e arranjou emprego em agência de publicidade, como redator. Ao mesmo tempo, atuava em atividades do Movimento de Defesa da Amazônia (MDA) e fundou o Movimento Ecológico de Brasília (MOVE).

No campo cultural, participava também do Grupo Cabeças, um ajuntamento de jovens de muitas artes, que é tido por estudiosos como um embrião da explosão do rock de Brasília, que projetou várias bandas, inclusive a Legião Urbana, de Renato Russo.

Em 1986, largou a publicidade e passou a trabalhar em outra ONG ambientalista, a FUNATURA-Fundação Pró-natureza, pra assegurar um ganha-pão. Estava enfronhado, pois, na questão ambiental.

No mesmo ano, casou com Alcinda Ramalho, com quem montou, alguns anos depois, o Pau-Brasília, um viveiro e loja de plantas do Cerrado, que é a principal atividade econômica do casal. E tiverem três filhos, hoje já adultos.

No viveiro, eles produzem principalmente mudas de palmeiras e frutíferas nativas do Cerrado, comercializadas em vasos, com adubo orgânico. No mais das vezes, são espécies raras, de difícil cultivo, que ao longo dos anos foram sendo eliminadas do cenário natural cerratense pela mão humana.

Nicolas considera o viveiro o seu fio-terra, sua ligação mais forte com o mundo real. O manejo das plantas exige disciplina, organização e horários. Na loja, atender a freguesia acaba sendo estimulante, pelas conversas com pessoas diferentes, trocas de ideias com gente comum, sobre assuntos corriqueiros da cidade.

O fato é que, após bons anos sem nada publicar, em 1993 ele voltou às lides, só que agora com livros impressos em gráficas, em formatos convencionais, que conseguem parar em pé nas estantes de residências, livrarias e bibliotecas.

A rebeldia no formato ficou no passado, mas o estilo do conteúdo se manteve o mesmo, com exceção de obras como o livro botânico "Palmeiras do Brasil: nativas e exóticas", do qual é coautor.

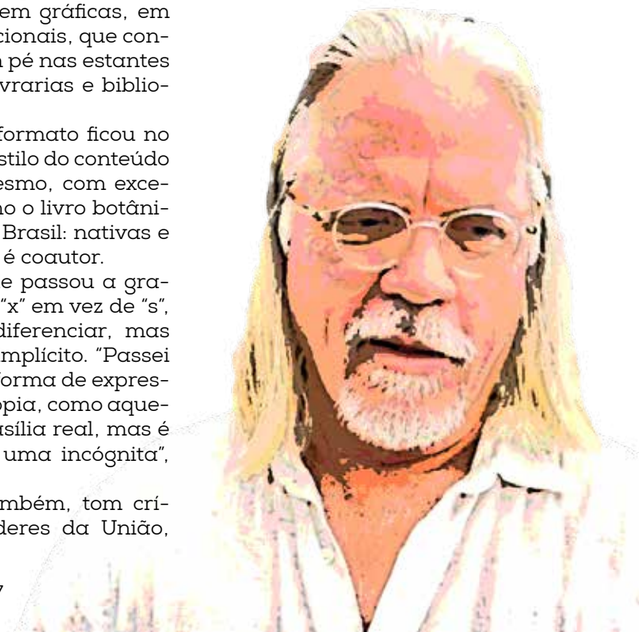
A partir dali ele passou a grafar Braxília, com "x" em vez de "s", um jeito de se diferenciar, mas com um sentido implícito. "Passei a usar o 'x' como forma de expressar uma outra utopia, como aquela que tornou Brasília real, mas é a minha utopia, uma incógnita", explica ele.

E manteve, também, tom crítico aos três poderes da União, mais visíveis na capital, com seus palácios suntuosos. Um exemplo, no livro "Braxília Revisitada-vol 1", de 2004: "na mitologia candanga juscelino é Zeus e o olimpo é um cargo de assessor num desses tribunais superiores"

Em 2014, Nicolas lançou o "BrasiliA-Z, Cidade-Palavra", que ele chama de dicionário, mas que, em verdade, é uma coletânea de verbetes que se referem a eventos, ou momentos, por ele vivenciados desde que ali aportou. Livro de memórias, portanto.

Fechando as contas, até agora ele publicou 16 livretos em mimeógrafo e 22 livros de poesia. São encontrados nas boas casas do ramo ou na bolsa dele, pois a venda de mão em mão é um vício do qual ele não se cura.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



Arroz-doce moreno à moda antiga

Lúcia Resende

"O português com seu gênio de assimilação trouxera para sua mesa alimentos, temperos, doces, aromas, cores, adornos de pratos, costume e ritos de alimentação das mais requintadas civilizações do Oriente e do Norte da África. Esses valores e esses ritos se juntaram a combinações já antigas de pratos cristãos com mouros e israelitas (...)".

(Gilberto Freyre in Manifesto Regionalista,1926.)

Arroz-de-leite ou arroz-doce é um prato que costuma frequentar as mesas brasileiras, seja como merenda ou sobremesa. Estudiosos apontam que a iguaria tem origem na culinária africana, cuja matriz é diversa e certamente vai além do dendê ou das pimentas. Na verdade, a ampla doçaria da costa mediterrânea da África espalhou-se pela Europa, aqui chegando com o colonizador.

Branco ou moreno, o arroz-doce tradicional dispensa acréscimos além dos ingredientes básicos usados por nossas avós. Nada de coco ralado ou leite condensado, por exemplo. O segredo da cremosidade está no modo de fazer.

A receita vem sendo passada de geração a geração, e o pulo do gato ensinado por avós, mães, tias e amigas. Dessa forma, essa delícia vai se perpetuando pela oralidade na cultura gastronômica brasileira.

Nossa receita, por exemplo, vem da dona Odete Vilas Boas, minha mãe, doceira de primeira, que ensinou a mim e a muita gente o segredo. Mas deixemos de prosa e vamos ao ensinamento!

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

Ingredientes

1 litro de leite
1 xícara (chá) de arroz
3 xícaras de água
1 ½ xícara de açúcar
1 pitada de sal
4 ou 5 cravos-da-índia
Canela para polvilhar

Modo de fazer

Em uma panela, coloque a água para ferver. Em seguida, acrescente o arroz e deixe cozinhar. Em outra panela, caramelize o açúcar, acrescente o leite e a pitada de sal e deixe ferver enquanto o arroz cozinha. Cozido o arroz, vá colocando sobre o leite, aos poucos, mexendo devagar. Depois, é só acrescentar o cravo e deixar ferver, mexendo sempre, para não grudar no fundo. Quando estiver bem cremoso, despejar numa vasilha e polvilhar com canela. Pode ser servido quente, frio ou gelado, conforme o gosto. Pra mim, não há como resistir ao arroz-doce fumegando num pratinho de sobremesa... hummmm!

MARIA MORREU SEM SE APOSENTAR.

É ISSO QUE O GOVERNO QUER DE VOCÊ!

Para saber mais, acesse nosso site:

sinprodf.org.br

SINPRO DF ®
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
Filiado: CUT CNTE
CUT
CNTE

SUSTENTABILIDADE

TRUMP: UMA NOVA ETAPA NA HISTÓRIA?

Leonardo Boff

Já há anos se notava, um pouco em todas as partes do mundo, a ascensão de um pensamento conservador e de movimentos que se definiam como de direita. Com isso se sinalizava um tipo de sociedade na qual a ordem prevalecia sobre a liberdade, os valores tradicionais se impunham aos modernos, e a supremacia da autoridade se sobrepunha à liberdade democrática.

Esse fenômeno deriva de muitos fatores, mas principalmente pela erosão das referências de valor que conferiam coesão a uma sociedade e forneciam um sentido coletivo de convivência.

O predomínio da cultura do capital com seu propósito ligado ao individualismo, à acumulação ilimitada de bens materiais e principalmente à competição, deixando praticamente parco espaço para a cooperação, contaminou praticamente toda a humanidade, gerando confusão ético-espiritual e perda de sentimento de pertença a uma única humanidade, habitando uma Casa Comum.

Emergiu a sociedade líquida, na linguagem de Bauman, na qual nada é sólido, acrescido com o espírito pós-moderno do every thing goes, do vale tudo, na medida em que conta é o que realiza um objetivo buscado isoladamente, por cada indivíduo, consoante suas preferências.

Estamos, pois, diante de uma profunda crise de civilização. Diluíram-se as estrelas-guias e surgiu seu oposto dialético: a busca de segurança, de ordem, de autoridade, de normas claras e de caminhos bem definidos. Na base do conservadorismo e da direita em política, em ética e em religião se encontra este tipo de percepção das coisas. Ela está a um passo do fascismo como se verificou na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini.

Na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos estas tendências foram ganhando força social e política. No Brasil foi este espírito conservador e direitista que projetou o golpe de classe jurídico-parlamentar que destituiu a Presidenta Dilma Rousseff. O que se seguiu foi a implantação de políticas claramente de direita, anti-povo, negadoras de direitos sociais e retrogradas em termos culturais.

Mas essa tendência conservadora alcançou sua dimensão mais expressiva na potência central do sistema-mundo: os Estados Unidos, confirmada pela eleição de Donald Trump à presidência daquele país. Aqui o conservadorismo e a política de direita se mostram sem metáforas e de forma deslavada e até rude como ocorreu na quebra de relação por parte de Trump com o presidente do México, que foi grosseiramente humilhado.

Trump, em seus primeiros atos, começou a desmontar as conquistas sociais alcançadas por Obama. Populismo, nacionalismo, patriotismo, conservadorismo, isolacionismo são suas características mais claras.

Seu discurso inaugural é aterrador: "de hoje em diante uma nova visão governará a nossa terra. A partir deste momento só os Estados Unidos serão o primeiro". O "primeiro" (*first*) aqui deve ser entendido como "só (*only*) os Estados Unidos vão contar".

Radicaliza sua visão ao término de seu discurso com evidente arrogância: "Juntos faremos que os Estados Unidos voltem a ser fortes. Faremos que os Estados Unidos voltem a ser prósperos. Faremos que os Estados Unidos voltem a ser orgulhosos. Faremos que os Estados Unidos voltem a ser seguros de novo. E juntos faremos que os Estados Unidos sejam grande de novo"

Subjacente a estas palavras funciona a ideologia do "destino manifesto", da excepcionalidade dos Estados Unidos, sempre presente nos presidentes anteriores, inclusive em Obama. Quer dizer, os Estados Unidos presumem possuir uma missão única e divina no mundo, a de levar seus valores de direitos, da propriedade privada e da democracia liberal para o resto da humanidade.

Para ele o mundo praticamente não existe. E se existe é visto de forma negativa. Quebrou os laços de solidariedade para com os aliados tradicionais como a União Europeia e retirou-se da cena internacional deixando cada país livre para eventuais aventuras contra seus contendores históricos e abrindo espaço para o expansionismo de potências regionais eventualmente incluindo guerras letais.

Da personalidade de Trump se pode esperar tudo. Habituado a negócios tenebrosos como são, de modo geral, os empreendimentos imobiliários nova-iorquinos, sem qualquer experiência política, pode deslanchar crises para a sociedade norte-americana e altamente ameaçadoras para o resto da humanidade como, por exemplo, uma eventual guerra contra China ou a Coreia do Norte, onde não se exclui a utilização de armas nucleares.

Sua personalidade denota características psicológicas desviantes; é narcisista, com um ego super-inflacionado, maior que seu próprio país

A frase que nos assusta é esta: "De hoje em diante uma nova visão governará a Terra". Não sei se está pensando apenas nos Estados Unidos ou no planeta Terra. Provavelmente as duas coisas para ele se identificam. Se for verdade, teremos que rezar para que o pior não aconteça para o futuro da civilização.

Leonardo Boff – Escritor. Filósofo. Teólogo.
Filósofo, Teólogo, Escritor. Autor de, dentre vários outros livros, Convivência, respeito e tolerância, Vozes 2006. www.leonardoboff.com.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

DOIS ANOS DE LUTA E RESISTÊNCIA CONTRA AS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NA GESTÃO DA EDUCAÇÃO GOIANA

"Ao lutar bravamente contra a privatização do ensino em Goiás por meio das OS, o Sintego dá um exemplo de resistência a ser seguido por todos os Estados brasileiros."
Daniel Cara – Coordenador, Campanha Nacional pela Educação

Para o Sintego, a defesa de uma Educação Pública de Qualidade, nos termos definidos pela legislação brasileira, é uma questão de compromisso com a formação cidadã das gerações presentes e futuras.

Em Goiás, nos últimos dois anos, esse compromisso vem sendo traduzido em luta e resistência contra a privatização do ensino pelo Governo do Estado, por meio da tentativa contínua de contratação das Organizações Sociais (O.S.) para a gestão das escolas goianas.

Fomentadas com entusiasmo nos anos 1990 pela Cooperação Internacional, a adoção das O.S. provou-se ineficaz para países que as adotaram como política institucional, como o Brasil, o Chile, os Estados Unidos, onde estudos mostram que as O.S., conhecidas como *"Charter Schools"*, não apontam vantagem clara de desempenho em comparação com as escolas públicas tradicionais.

No caso brasileiro, onde as O.S. são regulamentadas desde maio de 1998 pela Lei nº 9.637, com resultados pouco animadores na área da Saúde, a própria Organização das Nações Unidas (ONU) recomenda que o país interrompa esse tipo de política, bem como a prática de militarização das escolas, considerando-a prejudicial ao direito à Educação das crianças e adolescentes. Na contramão da história, o Governo de Goiás insiste na contratação de O.S. para cuidar da gestão da Educação do Estado.

"Em Goiás temos o pior dos mundos", afirma Daniel Cara, Coordenador Geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Daniel explica que, em Goiás, trabalha-se na direção contrária às recomendações do Comitê dos Direitos da Criança da ONU. Daniel destaca que "o Comitê recomenda que o Brasil interrompa políticas contrárias aos direitos de crianças, adolescentes e jovens, como a gestão via O.S. em Goiás. "

O gráfico abaixo apresenta um resumo das atividades de luta e resistência desenvolvidas pelo Sintego desde o início da gestão do governo Perillo para implantar as O.S. em Goiás.

HISTÓRICO DE LUTA E RESISTÊNCIA DO SINTEGO CONTRA AS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO GOIANA

ANO	MÊS	DIA	AÇÃO
2016	Dezembro		O 10º Congresso do Sintego, realizado em Goiânia, se posiciona contra as O.S. e em defesa da Educação Pública de Qualidade.
	Outubro	26	Sintego e estudantes bloqueiam trechos das rodovias federais BR-153, em Anápolis; BR-364, em Jataí; e BR-050, em Catalão, em protesto contra as O.S., a PEC do Teto de Gastos e pelo pagamento do Piso e da Data-Base dos trabalhadores em educação.
	Fevereiro	02	O Sintego, juntamente com a CNTE, realiza ato público de repúdio às O.S. A manifestação, na Praça Cívica, em frente ao Palácio das Esmeraldas, contou com a presença de 27 entidades sindicais e movimentos sociais de todo o país.
2015	Dezembro	27	O Sintego promove o "Abraço em Defesa da Escola Pública e Contra as O.S.", no Colégio Lyceu de Goiânia, escola pioneira, que se tornou referência na Educação do Estado de Goiás.
		16	Sintego lança cartilhas – "Educação, direito de todos e dever do Estado", relatando aos trabalhadores em educação e comunidade escolar os prejuízos para o ensino público com a implantação das O.S. na rede estadual.
		08	O Fórum Estadual de Educação, com o apoio do Sintego, realizou a Audiência Pública "As O.S. (Organizações Sociais) em Debate" no Auditório Costa Lima, da Assembleia Legislativa de Goiás. Convidada a participar, a secretária Raquel Teixeira não compareceu e não enviou representante.
			Em dezembro, 28 escolas públicas chegaram a ser ocupadas no estado. Os estudantes deixaram as unidades em fevereiro de 2016, após decisão judicial e uma série de tentativas de reintegração de posse. O Sintego se posicionou em defesa do movimento estudantil.
	Novembro	24	O Sintego ajuíza uma representação no MP, pedindo a intervenção do órgão para que os fundamentos, princípios e garantias constitucionais prevaleçam sobre a privatização, e assegurando o diálogo com a sociedade para discutir os rumos da educação em Goiás.
	Março		O Sintego organiza mesa de discussão: "A educação estadual em Goiás. Um debate sobre as Organizações Sociais (O.S.)."
		31	O Sintego emite nota "O Sintego é CONTRA Organizações Sociais nas escolas".
		30	Durante a abertura do I Seminário de Gestão Sindical, com a presença de mais de 320 membros da direção estadual do Sindicato, e da secretária Raquel Teixeira, a presidenta do Sintego, Bia de Lima, posicionou-se contra as O.S.

DECISÕES JUDICIAIS QUE IMPEDIRAM A TROCA DE GESTÃO EM TODOS OS EDITAIS QUE FORAM LANÇADOS

À mobilização social vinculada à luta contra a privatização do ensino em Goiás, o Sintego documentou, ao longo dos últimos dois anos, a resistência também do Ministério Público, da Ordem dos Advogados do Brasil e de várias outras instituições do campo jurídico contra as O.S.

Mesmo com todos os impedimentos colocados pela Justiça goiana, o governo Perillo entra o ano de 2017 anunciando novos editais para a terceirização das escolas no Entorno do Distrito Federal. Embora a Secretária Raquel Teixeira, em entrevista recente ao jornal *O Popular* reconheça a fragilidade e a inexperiência das O.S. selecionadas, a Seduce insiste em prosseguir com o processo.

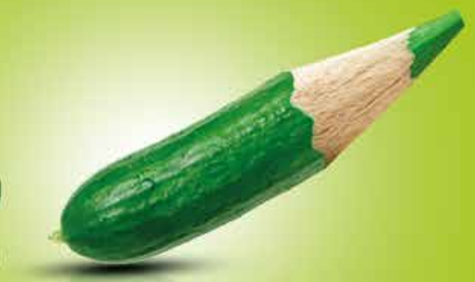
O Sintego seguirá, pelo tempo que for necessário, informando, conscientizando e mobilizando os trabalhadores e trabalhadoras da Educação, as organizações e entidades de defesa da Educação e a própria sociedade goiana contra a tomada do ensino por entidades privadas.

O gráfico abaixo faz um resumo das disputas, até agora perdedoras, do Governo de Goiás para privatizar a Educação no Estado.

ANO	MÊS	DIA	AÇÃO
2017	Fevereiro	06	MP denuncia que salários de diretores das O.S. são maiores do que o salário do Governador. Reportagem do jornal O Popular (05/02) revela que Diretor-Geral do CRER tem vencimento de R$ 37.247,00, seu colega do Hugol recebe R$ 36.260,00, enquanto o diretor geral do Hospital Estadual Ernestina Lopes Jaime (IHG) tem vencimento de R$ 36.331. No Hospital Materno infantil o Diretor Técnico tem salário de R$ 39.974 e no Hugo, perfaz R$ 29.952,00. O salário do governador é de R$ 25.000,00. O salário médio de um/a diretor/a de escola é de R$ 3.300,00.
	Janeiro	23	O desembargador do Tribunal de Justiça de Goiás Orloff Neves Rocha indeferiu, por meio de liminar, o recurso interposto pela Procuradoria Geral do Estado (PGE), recurso do Estado para implantação das O.S. na Educação, mantendo a suspensão do edital que contratava a Organização Social Gestão, Transparência e Resgate Social (GTR). O Estado já entrou com novo recurso, tentando reverter a decisão da justiça. A GTR seria responsável pela gestão de 23 escolas na região de Anápolis.
		12	O Governo de Goiás anuncia o preparo de chamamentos públicos para a seleção de O.S. para compartilhar a gestão de 25 escolas de cidades do Entorno do Distrito Federal.
		05	Educação recorre de decisão judicial que suspende O.S.
		02	A juíza Eliana Xavier Jaime, acolhendo pedido liminar feito pelo MP-GO, determinou a suspensão do Edital de Chamamento Público nº 3/2016, destinado à seleção de O.S. para a celebração de contrato de gestão de unidades escolares da rede pública estadual.
2016	Outubro	18	Seduce anuncia O.S. vencedora do Edital para gestão das 23 escolas de Anápolis.
	Agosto	19	Foi lançado o Chamamento Público n° 3/2016, com objeto idêntico ao já questionado pelo MP, o que levou a promotora Carla Brant, da 13ª Promotoria de Justiça de Anápolis, a novamente questionar a continuidade do edital.
	Julho		O Governo de Goiás cancela o primeiro edital de chamamento das organizações (1/2016), que transferiria a gestão de escolas para as entidades, para adequação à nova legislação de contratação de O.S. no estado. A Justiça havia pedido explicações sobre o edital.
	Março	23	Todas as Organizações Sociais que se candidataram para administrar as 23 escolas públicas em Goiás foram desclassificadas. A SEDUCE informou da reformulação do edital e de que haverá novo chamamento para as entidades interessadas.
		16	FNDE envia ofício à Secretaria de Educação do Estado (SEDUCE) proibindo destinar recursos do fundo para o pagamento de O.S. na rede estadual de ensino.
		02	A Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Goiás, aprovou, em sessão ordinária, uma nota técnica em que recomenda o Governo de Goiás a suspender a escolha das O.S. para gerir 23 escolas da Regional Anápolis.
		01	Em debate, a CAJ (Conselho da Advocacia Jovem), em votação por 18 a 12, rejeitou as O.S., indicando este posicionamento para o Conselho da Ordem, que por maioria absoluta também rejeitou as O.S. na Educação no dia seguinte.
			Um novo edital começou a ser elaborado no final de março de 2016, com as mesmas diretrizes do anterior, com algumas alterações
			MP-GO, Ministério Público Federal e Ministério Público de Contas protocolam Ação Civil Pública com pedido de liminar para suspender o Edital de Chamamento nº 1/2016, que buscava selecionar O.S. para assumir a gestão compartilhada de escolas estaduais, mais especificamente unidades localizadas na Macrorregião IV de Anápolis.
	Janeiro	06	Seduce publica chamamento público para organizações sociais (O.S.) interessadas em assumir a gestão das primeiras 23 escolas estaduais, localizadas em Anápolis.
2015	Dezembro		A decisão de transferir a gestão de escolas estaduais e escolas técnicas para organizações sociais foi publicada por Perillo em dezembro de 2015, no Despacho 596.
		16	Secretário Executivo do MEC, Luiz Cláudio Costa, afirma à direção do Sintego que o Ministério da Educação é contra a instalação de O.S. para terceirizar as escolas públicas nos Estados.
	Outubro	14	O Governador Perillo determina, por meio do Decreto n. 8.469, para até o dia 31 de dezembro, a "seleção de Organizações Sociais para a celebração de contratos de gestão de até 30% (trinta por cento) das unidades escolares que integram as Subsecretarias de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Trindade e as do Entorno do Distrito Federal", e "de até 25% (vinte e cinco por cento) das unidades escolares integrantes das demais Subsecretarias da Pasta".
2014	Outubro	27	Um dia após as eleições de 26 de outubro, o Governador Marconi Perillo anunciou a intenção do governo do Estado de implantar o sistema de gestão da Educação por meio das Organizações Sociais (O.S.).

CAMPANHA SALARIAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2017/2018

ESCOLA LEGAL REAJUSTOU A MENSALIDADE ACIMA DA INFLAÇÃO E O SALÁRIO DO PROFESSOR?



Trajano Jardim

Focamos a nossa Campanha Salarial na imagem do pepino, representando a dificuldade que temos pela frente. Isso desagradou o patronato.

O imaginário popular diz que quando temos um problema difícil de resolver "temos um pepino em nossas mãos ou "estamos numa bananosa". Na campanha salarial de 2013, para conseguirmos um reajuste razoável do piso da Educação Infantil, ganho real de salário e um piso mais digno para os coordenadores educacionais, a diretoria do Sinproep-DF tomou uma decisão política corajosa e propôs que entrássemos com o Dissídio Coletivo no Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Na verdade, "foi um pepino em nossas mãos". Mas, no final, a categoria reconheceu o nosso esforço.

Os empregadores usaram de todos os argumentos e subterfúgios dentro das escolas para jogar a categoria contra o Sindicato. Argumentavam que na justiça não conseguiríamos sequer os 5% que eles ofereciam. Nós seguramos o "pepino". Provamos que sem ousadia nada se consegue. Dobramos o piso da Educação Infantil, que passou para R$12, e o piso dos coordenadores aumentou quase três vezes. Para o Ensino Médio, conquistamos a inflação de 8,34% mais 2% de ganho real, totalizando 10,34%.

Em 2017, a situação se mostra bem pior. Com base no argumento da crise e nas políticas de arrocho do governo, não será fácil conseguirmos um resultado positivo para a nova Convenção, que contemple, além do ganho real de salário acima da inflação, dispositivos voltados para melhores condições de trabalho e para a prevenção à saúde do professor.

A "Escola Legal" não gostou e começa, como sempre, a tentar jogar a categoria contra o Sindicato e dizer para os nossos companheiros e companheiras que a campanha "desmoraliza os professores". Na verdade, a "Escola Legal" quer tirar os nossos colegas da luta por um reajuste justo e pela manutenção dos direitos conquistados.

Não se deixe levar por essa campanha. Temos esse "pepino em nossas mãos" e temos que descascá-lo. Precisamos ter consciência de que a "Escola é Legal" porque nós somos os protagonistas dela. Sem os professores de nada adiantaria os lindos prédios e os gestores. Nós somos a estrela, o ator principal.

Em vista disso, iniciamos a campanha mais cedo, para que a categoria possa se mobilizar para o enfrentamento. Assim, criamos o pepino como imagem do nosso movimento.

Vamos à luta! Nós merecemos um reajuste de salário digno. Afinal as mensalidades, segundo a imprensa, subiram em média, 15%.

Para descascar esse "pepino" temos que estar unidos e mobilizados! **Participe da Assembleia de Aprovação da Pauta de Reivindicação da Campanha Salarial 2017/2018, no dia 18 de fevereiro, às 9h, na sede Sindicato.**

Trajano Jardim
Jornalista e Professor Universitário

SINPROEP
Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal

A IRREVERENTE PAGU: PATRÍCIA REHDER GALVÃO

Iêda Vilas-Bôas

Nasceu em junho de 1910, no interior de São Paulo. Pagu sempre esteve à frente de seu tempo. Foi crítica literária, escritora modernista, poeta, diretora de teatro, tradutora, desenhista, ilustradora, jornalista e mãe.

Pagu não participou da Semana de Arte Moderna, em 1922, por ter apenas 12 anos de idade. Mas aos 18, foi considerada a musa do movimento antropofágico, sob a influência de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, com quem passou a ter extrema amizade. Com Oswald, a amizade evoluiu para um caso de amor e de infidelidade. Em 1930, o poeta se separou de Tarsila para se casar com Pagu, que estava grávida de seu primeiro filho.

Avançada para os padrões da época, fumava na rua, usava blusas transparentes, saias muito curtas; mantinha os cabelos curtos e volumosos, por vezes compridos e esvoaçantes e gostava de dizer palavrões. Esse comportamento chocava a sociedade do início do século XX e contradizia sua origem familiar conservadora e tradicional.

Moça dada à leitura e aos livros, de imensa capacidade imaginativa, aos quinze anos começou a escrever no *Brás Jornal* e assinava sob o pseudônimo Patsy e também Patty. Continuou escrevendo e publicando por toda sua vida. Usou o pseudônimo King Shelter, para publicar contos policiais na revista Detective, dirigida pelo dramaturgo Nelson Rodrigues. Estes contos foram reunidos no livro Safra Macabra (1998).

Em ambiente de amigos e familiares era conhecida por "Zazá". O apelido Pagu surgiu ao acaso. Foi erro do poeta modernista Raul Bopp que lhe dedicou em 1928, o poema, que virou letra de canção em 1929: *"Pagu tem os olhos moles/uns olhos de fazer doer/Bate-coco quando passa/Coração pega a bater/Eh Pagu eh! (...) dói porque é bom de fazer doer"*. Bopp achava que a moça se chamava Patrícia Goulart e quis fazer uma brincadeira criando-lhe um novo nome. O apelido caiu no gosto dos amigos e assim ficou: Pagu.

A irreverente Pagu defendia e acreditava na participação ativa da mulher na sociedade e na política e, por seus ideais, foi a primeira mulher presa no Brasil por motivos políticos, na ditadura de Getúlio Vargas.

Em 1931, junto com Oswald, passa a atuar no Partido Comunista e ajuda na organização de uma greve de estivadores em Santos. Faz um bonito discurso com ideias feministas e defendendo a classe operária. Sai direto para a cadeia. Amarga seus dois primeiros anos de prisão. Após o nascimento do filho, viaja para Buenos Aires e participa de um festival de poesia. Lá conhece Luís Carlos Prestes, e volta fascinada pelos ideais marxistas.

Em 1933, sob o pseudônimo Mara Lobo, publica o romance Parque industrial, em defesa da mulher pobre contra as investidas vitoriosas dos playboys sobre as meninas operárias do Brás, bairro da capital: *"Pelas cem ruas do Brás a longa fila matinal dos filhos naturais da sociedade. Filhos naturais porque se distinguem dos outros que tem tido heranças fartas e comodidade de tudo na vida. A burguesia tem sempre filhos legítimos. Mesmo que as esposas virtuosas sejam adúlteras..."*.

Em 1935, foi detida, torturada e condenada a dois anos de prisão por sua participação no Levante Comunista, que ficou conhecido também como Intentona Comunista ou Revolta Vermelha de 35 e também Revolta Comunista de 35. O movimento foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas encabeçado por militares, em nome da Aliança Nacional Libertadora, com apoio do Partido Comunista do Brasil (PCB) e do Comintern (Comitê Internacional) ligado ao PCB.

Pagu foi presa, detida e repatriada, em Paris, como comunista estrangeira e por ser portadora de identidade falsa imputaram-lhe o crime de falsidade ideológica. Nesse ano, após brigas e sessões de ciúmes de Oswald, separa-se definitivamente do poeta. Volta a ser presa em 1938 e dessa vez é condenada a mais dois anos de prisão. Sofreu 23 prisões ao longo da vida.

Ao deixar a prisão, em 1940, estava com 44 quilos e a mente em frangalhos. Tenta suicídio pela primeira vez, e rompe com o Partido Comunista, passando a defender um socialismo com influência de Trotsky.

De retorno de sua viagem à União Soviética, registrou sua decepção com o comunismo. Como correspondente de vários jornais visitou também os EUA e o Japão. Encontra o companheiro e marido Geraldo Ferraz, com quem teve seu segundo filho.

Juntamente com o marido e alguns militantes passa a integrar a redação de A Vanguarda Socialista. Vive um período de felicidade ao lado dos dois filhos e do marido. Em 1941 vai à China e de lá traz as primeiras sementes de soja que foram introduzidas no Brasil.

Em 1945, escreve em parceria com o marido um novo romance: A Famosa Revista. Tenta se aventurar pelo ambiente político formal, como candidata a uma vaga de deputada estadual nas eleições de 1950. Foi sua primeira e única tentativa fracassada de assumir um cargo eletivo.

A partir de 1952 passa a dedicar-se ao Teatro de vanguarda e leva seus espetáculos para a cidade de Santos – SP. Sua atuação junto ao meio artístico a faz conhecida como ativista cultural. Motivou muitos jovens a seguirem a carreira artística, envolvendo-se principalmente com grupos de teatro amador.

Nesse trabalho e nova missão, Pagu descobre-se com câncer. Procura tratamento e cirurgia em Paris e não obtém a cura. Frustrada, decepcionada e abalada emocionalmente pela doença tenta novo suicídio. Transforma esse triste episódio, em escritos. Retorna ao Brasil e, por fim, é vencida pelo câncer. Pagu morre aos 52 anos, em 12 de dezembro de 1962.

Recebeu homenagens póstumas como exposições de seus desenhos e textos inéditos, inclusive no MASP. Sua vida foi contada em filme: Eternamente Pagu (1987). Pagu foi tema de dois documentários premiados: Patrícia Galvão – livre na imaginação no espaço e no tempo (1988), sob a direção de seu filho com Oswald de Andrade, Rudá de Andrade. O outro documentário, do cineasta Ivo Branco, tem o título Eh, Pagu! Eh! Foi também personagem da minissérie Um Só Coração (2004). As cantoras Rita Lee e Zélia Duncan dedicaram-lhe a canção Pagu: *"(...) sou rainha do meu tanque/ Sou Pagu indignada no palanque..."*

O teatro também resgatou sua história, no ano de seu centenário de nascimento, com o espetáculo *Dos Escombros de Pagu*, baseado no livro homônimo de Tereza Freire. Nesse ano, 2010, foi publicada a Fotobiografia *Viva Pagu*, de autoria de Lúcia Maria Teixeira Furlani e Geraldo Galvão Ferraz, seu segundo filho. Em 2006, Pagu foi enredo da Escola de Samba X-9 de Santos.

"Pagu, maquiagem forte nos olhos, lábios vermelhos e um olhar desafiador. Linda, inteligente e versátil". Essa foi a Pagu a quem aprendemos admirar pela luta política, por sobreviver às prisões e torturas, por acreditar em uma sociedade mais justa, por vislumbrar um mundo sem fronteiras, injustiças e preconceitos, por desafiar os padrões vigentes, por ser feminista e por sua irreverência: Salve Pagu!

Iêda Vilas-Boas
Escritora

XINGU:

O CLAMOR QUE VEM DA FLORESTA

Zezé Weiss

No carnaval de 2017, a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense traz para a Avenida Sapucaí, no Rio de Janeiro, o samba-enredo "Xingu: O clamor que vem da Floresta."

Era pra ser um grande desfile de uma grande Escola de Samba, puxada por um belo samba-enredo com tema de raiz interiorana, ao gosto e tradição da Imperatriz Leopoldinense. Um desfile para encantar e, até, quem sabe, emplacar mais título do Carnaval, pela garra e qualidade da escola.

Era. O clima esquentou depois que várias entidades do agronegócio brasileiro resolveram atacar a escola por, segundo suas representações, "atacar o agronegócio".

Ante o ataque, em dezembro de 2016, o presidente da Imperatriz, Luiz Pacheco Drummond, emitiu nota oficial explicando que com o enredo "Xingu – O clamor que vem da floresta", de autoria do carnavalesco Cahê Rodrigues, a intenção foi somente retratar a beleza do Xingu, a cultura e a luta dos povos indígenas que nele vivem, "e não [fazer] uma agressão ao agronegócio e a seus trabalhadores". Nem precisava: a letra do samba dos compositores Moisés Santiago, Adriano Ganso, Jorge do Finge e Aldir Senna fala por si:

Brilhou... a coroa na luz do luar!
Nos troncos a eternidade... a reza e a magia do pajé!
Na aldeia com flautas e maracás
Kuarup é festa, louvor em rituais
Na floresta... harmonia, a vida a brotar
Sinfonia de cores e cantos no ar
O Paraíso fez aqui o seu lugar
Jardim sagrado, o caraíba descobriu
Sangra o coração do meu Brasil
O belo monstro rouba as terras dos seus filhos
Devora as matas e seca os rios
Tanta riqueza que a cobiça destruiu!
Sou o filho esquecido do mundo
Minha cor é vermelha de dor
O meu canto é bravo e forte
Mas é hino de paz e amor!

Sou guerreiro imortal derradeiro
Deste chão o senhor verdadeiro
Semente eu sou a primeira
Da pura alma brasileira!

Jamais se curvar, lutar e aprender
Escuta menino, Raoni ensinou
Liberdade é o nosso destino
Memória sagrada, razão de viver
Andar onde ninguém andou
Chegar aonde ninguém chegou
Lembrar a coragem e o amor dos irmãos
E outros heróis guardiões
Aventuras de fé e paixão
O sonho de integrar uma nação
Kararaô... Kararaô... o índio luta por sua terra
Da Imperatriz vem o seu grito de guerra!

Salve o verde do Xingu... a esperança
A semente do amanhã... herança
O clamor da natureza
A nossa voz vai ecoar... Preservar!

Segundo a Escola, os versos "Sangra o coração do meu Brasil/O belo monstro rouba as terras dos seus filhos/Devora as matas e seca os rios/ Tanta riqueza que a cobiça destruiu!" trata da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, inaugurara em 2016 na bacia do Rio Xingu, no Pará, e não do agronegócio, cujo tema sequer foi tratado no samba-enredo.

Há, porém, uma ala da escola, a Ala 15, que trata dos "Fazendeiros e seus agrotóxicos". Segundo o carnavalesco Cahê Rodrigues, a intenção da escola é, com essa ala, fazer um alerta sobre o que a agride a vida do índio xinguano e, por extensão, a vida de cada qual de nós.

A disputa, que saiu, há muito, da esfera do palco da Marquês da Sapucaí, une hoje pessoas e entidades socioambientalistas, de defesa direitos humanos e dos povos indígenas em torno do mesmo mantra: #SomosTodosImperatriz, pelo Xingu e pelos povos da Floresta. Salve o verde do Xingu!

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

CONHEÇA A PARTICIPAÇÃO DA GLOBO NA CLARO

Gustavo Gindre

Com a fusão entre Claro, NET e Embratel, surgiu no Brasil uma única e gigantesca empresa chamada Claro, que reúne sob seu controle também a Brasil Center (call center) e a Star One (satélites).

A Claro é controlada (91,25%) pela mexicana America Movil, de propriedade de um dos homens mais ricos do mundo, Carlos Slim. Mas ela possui outros sócios, como ex-acionistas da Embratel e da NET, que somados detêm 1,9% da empresa.

Os restantes 7,56% do capital da Claro são de propriedade da EG Participações, uma empresa criada anteriormente para acomodar interesses da Embratel e da Globo na NET. A Globo é dona de 100%das ações sem direito a voto (PN) e de 49% das ações com direito a voto (ON) da tal EG.

Trata-se, portanto, de uma participação indireta da Globo na Claro, que gira em torno de 5%. Embora pequena, a participação é estratégica e permite que a empresa dos Marinho, por meio de um acordo de acionistas, tenha poder de vetar a entrada de qualquer canal estrangeiro nas grades de programação da NET e da Claro TV que, somadas, possuem cerca de 52% dos assinantes de TV paga no Brasil.

Vale lembrar que a Globo também possui 7% da Sky e usufrui de um acordo de acionistas que também lhe dá direito de vetar canais estrangeiros naquela operadora de TV via satélite.

Este direito da Globo foi usado para barrar a entrada do canal Fox Sports até que a sua controladora (News) aceitasse ceder jogos da Libertadores para o SporTV, da Globosat.

Uma segunda vez o poder de veto foi exercido para evitar a entrada dos canais El Maxx 2, de propriedade da Turner (subsidiária da Warner), nas grades da NET e da Claro. Mas a renegociação de todos os canais da Turner e o risco de perder canais importantes fizeram a America Movil usar de algumas prerrogativas do acordo de acionistas e se sobrepor ao veto da Globo.

O mais importante dessa história é que o fato de a maior empresa da mídia brasileira ter o poder de vetar concorrentes estrangeiros nas três maiores (NET, Claro e Sky) operadoras de TV paga do país parece não incomodar a Ancine e o CADE.

Gustavo Gindre – Jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

"Não frequentas mais, de corpo comovido, os espaços do mundo. A medida do tempo não te alcança. Já ganhaste a dimensão do sonho, és luzeiro da esperança."

Thiago de Mello

Em 2018, a luta dos povos da floresta completará 30 anos sem Chico Mendes, símbolo maior da trajetória de construção social, sindical e ecológica em defesa da Amazônia e dos povos que nela vivem.
Porém, o tiro certeiro que assassinou Chico Mendes em 22 de dezembro de 1988 foi incapaz de calar seu sonho de justiça e liberdade. Chico Mendes continua vivo na memória e nos sonhos renovados de cada um e cada uma de nós.
O Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) começa agora o projeto CHICO MENDES – 30 ANOS rumo a uma grande mobilização nacional para honrar a memória e multiplicar os ideais de Chico Mendes pelo Brasil e pelo mundo.

VOCÊ PODE FAZER PARTE DESSA CAMINHADA.
O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE FEITO PARA OS 30 ANOS DO ENCANTAMENTO DO CHICO MENDES?

MANDE SUA SUGESTÃO PARA:

contato@xapuri.info

CHICO MENDES 30 ANOS
1988 - 2018

Chico Mendes Vive!

CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS
CNS

MEMORIAL CHICO MENDES

MARISA LETÍCIA LULA DA SILVA

(1950 – 2017)

"Eu vou demorar para encontrá-la. Só vou partir depois que os facínoras que causaram a sua morte tenham a humildade de lhe pedirem desculpas. Nesse dia, irei encontrá-la com esse mesmo vestido vermelho que escolhi para vesti-la hoje e com essa mesma estrelinha que leva no peito." ***Lula, na despedida de Marisa (04/02/2017).***

DE LULA PARA MARISA: UM COMOVENTE DISCURSO DE DESPEDIDA

"... Eu queria dar uma palavra de agradecimento a cada mulher e a cada homem, cada companheiro, cada companheira, cada parente da Marisa, cada parente meu, e dizer ao companheiro Rafael, presidente do Sindicato, que minha vida não seria um décimo do que é se não fosse esse Sindicato.

Vocês não têm dimensão [do que] esse espaço [representa] na minha vida. Aqui eu aprendi a falar. Aqui eu perdi o medo do microfone. Aqui nós decidimos combater a ditadura militar. Aqui nós criamos um novo sindicalismo. Aqui nós pensamos em criar a CUT. Aqui nós pensamos criar o PT. Daqui saiu a inspiração para que muitos sindicatos se transformassem num sindicato combativo.

Aqui eu conheci a Marisa [em 1973]. Aqui eu casei com a Marisa em 1975. Aqui a Marisa sustentou a barra para que eu me transformasse no que me transformei. Eu sou o resultado da consciência política dos trabalhadores brasileiros, mas também sou o resultado de uma menina que parecia frágil e que me deu a garantia que eu podia viajar para ajudar a criar [um] sindicalismo combativo.

O primeiro filho do [nosso] casamento é o Fábio, porque quando [casamos] ela já tinha o Marcos [de] dois anos e pouco. A Marisa ficou viúva novinha, assassinaram o marido dela dirigindo um táxi. Logo depois veio o Sandro, depois veio o Luiz Cláudio. E eu nunca estive presente. Por causa do PT. Por causa da CUT. Por causa das greves.

Eu lembro quando o Fábio nasceu. A gente estava pescando na represa Billings. Ela estava com água no pé do umbigo tentando pegar uma tilápia. Era um domingo e nós fomos embora para casa. Umas 6:30 da manhã, estourou a bolsa. Eu [a] levei no PS de São Bernardo. Só que eu tinha uma reunião da diretoria do Sindicato. Deixei a Marisa lá, e só fui lembrar umas 11 horas da manhã. Quando [voltei], já tinha nascido o Fábio.

O Sandro, eu fui pra Bahia no Congresso do Sindicato dos Químicos. Ele adiantou um mês e pouco. Eu estava no Congresso quando recebo a notícia de que a Marisa tinha tido o Sandro. Eram 9h, eu fui no bar [do hotel], tomei um conhaque sozinho e comemorei o nascimento do Sandro.

Aí nós combinamos que no próximo filho eu ia cuidar de ver o parto. Era mais ou menos 17h30. Estou lá na Clínica [quando] recebo um telefonema do Djalma Bonn, presidente do PT: "Lula, o PMDB quer uma reunião urgente [para] discutir [uma] aliança. " Eu, mais uma vez, pedi desculpas à Marisa, e falei: "Meu amor, ainda não é dessa vez". Quando voltei, à meia noite, já tinha nascido o Luiz Cláudio. Às vezes eu tenho culpa, às vezes eu acho que é assim mesmo. Ela praticamente criou os filhos sozinha. Ela foi mãe, foi pai, foi avó, foi tudo. Ela cuidou de todos e nunca reclamou da vida.

A Marisa começou a trabalhar com 11 anos de idade. Era babá. Depois foi trabalhar na [fábrica de chocolates] Dulcora. Depois casou, perdeu o marido, ficou viúva e conheceu esse ser humano bonito - que sou eu - e casou [de novo]. Faz 43 anos que eu brinco com a Marisa, todo ano, que ela acaba de ser eleita a mulher mais bem casada do mundo [porque] nós tivemos uma vida extraordinária.

Eu e a Marisa nunca brigamos. Eu já brigava muito no PT, no Sindicato. Quando eu chegava em casa, às vezes a Marisa queria brigar, mas eu falava: "Marisa, não adianta que eu não quero brigar." E não brigava. Eu não aprendi na universidade, eu aprendi de uma mãe analfabeta como tratar a parceira da gente: "Nunca levante a mão pra sua mulher, nunca levante a voz pra sua mulher."

Pois bem, a Marisa se foi. Eu certamente sofro menos do que as pessoas que não acreditam em Deus, do que as pessoas que não acreditam em outro mundo, porque eu acredito em outra vida. E eu acho que ela vai [voltar a nos] encontrar. Ela deixou aqui muita gente que ela gosta, sobretudo os filhos dela, os netos dela, e eu [que] já estou bisavô. E eu penso que nós vivemos esse tempo todo vendo uma companheira humilde.

Quando eu fui eleito presidente, a Marisa era vítima de chacota. A direita dizia: "Será que ela vai conseguir limpar aquele vidro todo do Palácio? Será que ela vai ser ministra? " Eu ficava pensando... eu coloco a Marisa para ser ministra, aí a imprensa começa a bater nela. Bate nela num canto e bate no Lula no outro. Bate nela num canto... não! Em casa, a gente sentava, conversava, discutia, e [a opinião dela] tinha muito mais importância do que a dos ministros. A Marisa sempre dizia pra mim: "Lula, você não esqueça nunca de onde você veio e pra onde você vai voltar".

Uma vez a gente estava jantando no Palácio do Alvorada e a Marisa começou a rir, sabe quando a pessoa parece que vai morrer de rir? Eu não sabia do que a Marisa estava rindo, e ela disse: "Sabe porque estou rindo, Lula? É porque esses companheiros que trabalham na cozinha nunca imaginaram que esse palácio fosse ter uma mulher de presidente que pedisse pra eles cozinharem pé de frango pra ela comer."

Eu vou continuar agradecendo a Marisa até o dia em que eu não puder mais agradecer. O dia que eu morrer. E espero encontrar com ela, com esse mesmo vestido que eu escolhi para colocar nela hoje, vermelho, pra mostrar que [se] a gente não tinha medo do vermelho quando era vivo, não tem medo do vermelho quando morre.

Ela está com uma estrelinha do PT no seu vestido, e eu tenho orgulho dessa mulher [que], muitas vezes com a molecada dormindo no chão, [lá estava] vendendo camiseta, vendendo bandeira, pra construir um partido que a direita quer destruir.

Marisa morreu triste [por causa] da canalhice [d]a imbecilidade e [d]a maldade que fizeram com ela. Eu tenho 71 anos. Não sei se Deus me levará em curto prazo. Mas eu acho que vou viver muito porque eu quero que os facínoras que levantaram leviandades com a Marisa tenham um dia a humildade de pedir desculpas a ela.

Eu digo todo dia: Se alguém tem medo nesse país, se alguém tem medo de ser preso, esse que está enterrando a sua mulher hoje não tem, porque eu tenho a consciência tranquila. E tenho certeza da consciência e do trabalho da minha mulher. E não sou eu que tenho que provar que sou inocente. Eles é que precisam provar que as mentiras que eles estão contando são verdadeiras.

Portanto, querida companheira Marisa, descanse em paz, porque o seu Lulinha Paz e Amor vai continuar brigando muito para defender a sua honra e a sua imagem.

Luiz Inácio Lula da Silva – Este texto é um excerto do discurso do ex-presidente Lula ao final da cerimônia de despedida de sua companheira Marisa Letícia Lula da Silva (1950-2017) no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 04 de fevereiro de 2017. Por uma questão de espaço, o texto foi editado e alguns parágrafos foram suprimidos. O discurso na integra encontra-se publicado no site da Xapuri na Internet: www.xapuri.info.

URBANIDADE

BICICLETAS NO ALVO
EM UM PAÍS DE SINAIS TROCADOS

Antenor Pinheiro

Vivemos realmente num país de sinais trocados. Enquanto o mundo civilizado articula suas políticas públicas de mobilidade com estímulo ao uso da bicicleta, no Brasil os órgãos de fiscalização do Sistema Nacional de Trânsito continuam a desmerecer essa tendência universal... e com requintes de crueldade!

No caso das polícias rodoviárias, o que se tem visto são atitudes mais que contraditórias com o uso das "magrelas", seja como modal de transporte, seja como equipamento de esporte e lazer.

Especialmente contra grupos de ciclistas que geralmente pedalam nos fins de semana em rodovias, essas polícias têm reprimido rigorosamente seu uso com a aplicação de multas, remoções a apreensões; porém, invocando preceitos legais não aplicáveis ao veículo bicicleta.

Alegam os policiais que instruem os autos de apreensão que os ciclistas promovem eventos sem autorização do órgão, entendendo equivocadamente que o Art. 174 do Código de Trânsito Brasileiro/CTB lhes dá o esteio legal para tal medida.

Na verdade, o CTB, não obstante seus avanços em relação ao anterior, pouco trata do uso da bicicleta, permitindo por isso entendimentos discricionários. O próprio Art. 174 é exemplo desse desprezo oficial, pois exige exercício invejável dos policiais que nele se baseiam para reprimir os ciclistas rodoviaristas.

Um grave equívoco, porque o Art. 174, que está no capítulo das infrações do CTB, não foca os ciclistas, mas os motoristas. Basta observar o que está previsto nele como penalidade e medida administrativa. A penalidade fala da suspensão do direito de dirigir e a medida administrativa do recolhimento do documento de habilitação.

Logo, a exegese da lei clareia a aplicação do artigo citado como infração atribuída exclusivamente ao condutor de veículo motorizado, para o qual se exige o porte da Carteira Nacional de Habilitação. Ao que se sabe juridicamente, pelo menos até aqui, não se exige habilitação para conduzir bicicletas no Brasil. Logo, trata-se de abuso mesmo!

Bem verdade que pedalar em rodovias é perigoso, assim como nos espaços urbanos, principalmente num país de poucas vias cicláveis, onde predomina a cultura do automóvel.

Quase ato heroico pegar a "magrela" e colocá-la nos sistemas viários sempre preferencialmente preparados para acomodar carros e motos. É por esta razão que há poucas disposições sobre o assunto no CTB, o que reflete nas políticas de infraestrutura das cidades e rodovias.

Todavia, nem por isso a bicicleta está impedida de circular livremente, individual ou coletivamente em grupos organizados ou como eventos. Ao contrário, a lei federal da mobilidade urbana (Lei 12.587/12) lhe garante preferência na modelagem das políticas públicas, embora isto ainda seja uma grave dificuldade para as decisões governamentais.

O próprio CTB, meio que envergonhado, admite a circulação das "magrelas" nas rodovias, embora pouco explícito e com devaneios que exigem parcimônia constante. Por este motivo, se requer bom senso na gestão do problema e, ao contrário do que estamos assistindo, o que as autoridades fiscalizadoras deveriam fazer é garantir a adequada proteção para que os ciclistas circulem com segurança.

Esse jeito inibido de conceber o veículo bicicleta no Brasil é que oportuniza atitudes oficiais arbitrárias contra os ciclistas, de norte a sul.

É como diziam as nossas avós, repita-se a lição: bom senso e canja de galinha não fazem mal a ninguém, muito menos bicicleta!

Antenor Pinheiro
Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP

Fotos: Divulgação/Internet

A SAGA DA COLUNA PRESTES NA REGIÃO DO DISTRITO FEDERAL

Robson Eleutério

As primeiras décadas do Brasil República foram marcadas por inúmeros movimentos políticos e sociais, a exemplo da Revolta da Chibata, Revolta da Vacina, Semana da Arte Moderna, Revolução Constitucionalista. Nesse cenário político bastante agitado se formou a Coluna Prestes, no ano de 1924.

Ponto culminante de outro movimento militar, o Tenentismo, organizado para derrubar a elite agrária que dominava o país, assolado por imensa pobreza, e promover um conjunto de reformas institucionais, a Coluna Prestes foi constituída por militares envolvidos em movimentos rebeldes no Rio Grande do Sul e em São Paulo. O comando militar da Divisão Revolucionária, composta por 1.500 homens armados, ficou a cargo de Miguel Costa, sendo Luís Carlos Prestes o chefe do Estado-maior.

Depois de adentrar terras paraguaias e passar pelo Mato Grosso, a Divisão Miguel Costa penetra em território brasileiro, na região de Cabeceira Alta e, em junho de 1925, transpõe a Serra dos Caiapós e domina a cidade de Mineiros (GO), começando sua investida sobre o estado.

Acossados pela tropa do major mato-grossense Bertoldo Klinger, os revolucionários passaram pela cidade de Goiabeiras (Inhumas) e seguiram rumo à estrada que ligava Anápolis a Corumbá. Segundo Sílvio Fleury, "o plano de defesa de Corumbá estava sendo executado, quando a cidade recebeu a Coluna Caiado com seus mil e duzentos voluntários e foi transformada em base operacional". Foi nas as alturas do rio Descoberto que outro destacamento, liderado por João Alberto, se confrontou com as tropas do Major Klinger.

Em agosto, os revoltosos marcharam rumo ao nordeste goiano, pelos cerrados do antigo quadrilátero Cruls, entrando em combate com a polícia goiana nas margens do Rio Arraial Velho, no município de Água Fria, à época parte de Planaltina. O Pelotão, comandado por Miguel Costa, que se encontrava ferido, acampou no Retiro do Bambu, antigo Colégio Agrícola e atual Escola Técnica Federal, mas não houve confronto, pois as forças legais ainda não haviam chegado à cidade. Daí seguiram para o Vão do Paranã, ocupando o povoado de São João do Pinduca em agosto de 1925. A transposição da Serra Geral se deu por trilhas íngremes e precárias, onde atravessaram o rio nas alturas do município de São João d'Aliança.

No interior do país, a Coluna era perseguida por grupos denominados genericamente como forças legais, muito bem armados, compostos pelos soldados das Forças Públicas de São Paulo, pela polícia local e por Grupos de Jagunços, organizados pelas oligarquias, exclusivamente para o embate contra os revolucionários.

Segundo Domingos Meireles, "a fina-flor da jagunçada baiana faz parte do Batalhão". Um grupo de jagunços, chefiado pelo Coronel Horácio de Matos, perseguiu os revoltosos com cães de caça desde a cidade de Lençóis (BA) até Planaltina. Seu ponto forte era a tocaia, pois permaneciam dias postados num mesmo local à espera do inimigo. O jornalista Franklin de Queirós, que acompanhava os jagunços, relatou que estavam concentrados em Planaltina aguardando a "chegada de automóveis e caminhões. Como o estado era bem servido de estradas, os rebeldes seriam perseguidos com ajuda de veículos motorizados". Os revolucionários, por sua vez, utilizavam uma estratégia de se dividir em vários pelotões, plantando pistas falsas para confundir o inimigo. O ponto forte da jagunçada era a tocaia, pois permaneciam dias postados num mesmo local, à espera do inimigo.

Para derrotar os revoltosos, o presidente Artur Bernardes não hesitou em acionar a Aviação da Polícia de São Paulo a fim bombardear os rebeldes em Planaltina, sob o comando do coronel americano Orton Hoover, instrutor de aviação. Cinco aeronaves foram enviadas para fazer uma apresentação no Jóquei Clube de Uberaba (MG), e depois seguiram para executar o bombardeio, mas devido ao mau tempo o primeiro avião retornou, e o segundo caiu carregado com 15 bombas em Urutaí (GO), provocando a morte de dois oficiais.

Desfalcado do apoio da Força Aérea, o Coronel Pedro Dias montou um cerco aos revoltosos, organizando um Quartel General das forças governistas em Formosa, distribuindo soldados por todo o Vale do Paranã, se estendendo até a Vila de Cavalcante. Outra linha de defesa foi montada de São José do Duro (Dianópolis) a Porto Nacional, passando por Almas e Natividade, compondo um cerco articulado pelo governo com um pelotão de 2.400 homens das Forças públicas de São Paulo.

Outro confronto, inusitado, ocorreu em Olhos d'Água, povoado de Alexânia (GO), provocando inúmeras baixas dos dois lados. O encontro foi engendrado por Prestes, que colocou um de seus homens infiltrado entre os Jagunços, para alimentar a desconfiança entre os chefes, que se comunicavam por meio de uma senha trocada dia a dia. Como todos eram maltrapilhos, anêmicos, usavam roupas do exército e ninguém sabia quem era quem, o erro da senha do dia provocou umas das maiores mortandades na região.

A Coluna Prestes, uma das maiores sagas da história mundial, ainda não ganhou o espaço merecido na historiografia brasileira. Os revolucionários percorreram cerca de 25.000 quilômetros pelos sertões do país, passando por onze estados, e encerraram sua longa marcha no dia 4 de fevereiro de 1927, em terras bolivianas. Apesar de todas as adversidades que enfrentaram, não foram derrotados pelos Coronéis e prepararam o país para um novo período da história com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Robson Eleutério
Professor de História.
Coordenador Instituto Cerratense.

MOCÓ:
UMA ESPÉCIE AMEAÇADA PELA CAÇA

Eduardo Henrique de Sá Júnior

O mocó (Kerodon rupestris Wied-Neuwied, 1820) é uma espécie de mamífero endêmico do Nordeste brasileiro, frequentemente encontrado nos afloramentos rochosos da Caatinga.

Seu nome deriva do tupi mo'kó, que significa "animal que rói". Pertence à família Caviidae, que inclui outros roedores presentes na América do Sul como o preá e a capivara, cuja característica marcante é a cauda atrofiada.

O mocó alimenta-se de folhas, frutos e sementes de plantas da Caatinga. Quando a população desse roedor aumenta excessivamente, pode ocorrer a morte de algumas plantas próximas aos afloramentos rochosos onde habitam.

Isso ocorre porque na ausência de folhagem durante o período seco uns dos poucos recursos alimentares que restam são as cascas dos caules de algumas plantas, que não resistem à retirada excessiva de suas cascas e caules.

O aumento da população do mocó pode ocorrer devido à falta de predadores naturais como, por exemplo, o gato vermelho ou mourisco, os gaviões, os furões, as cascavéis e as jiboias. Isso indica um desequilíbrio ambiental, pois todas essas espécies são afetadas de forma direta ou indireta pela progressiva exploração insustentável dos recursos naturais da Caatinga.

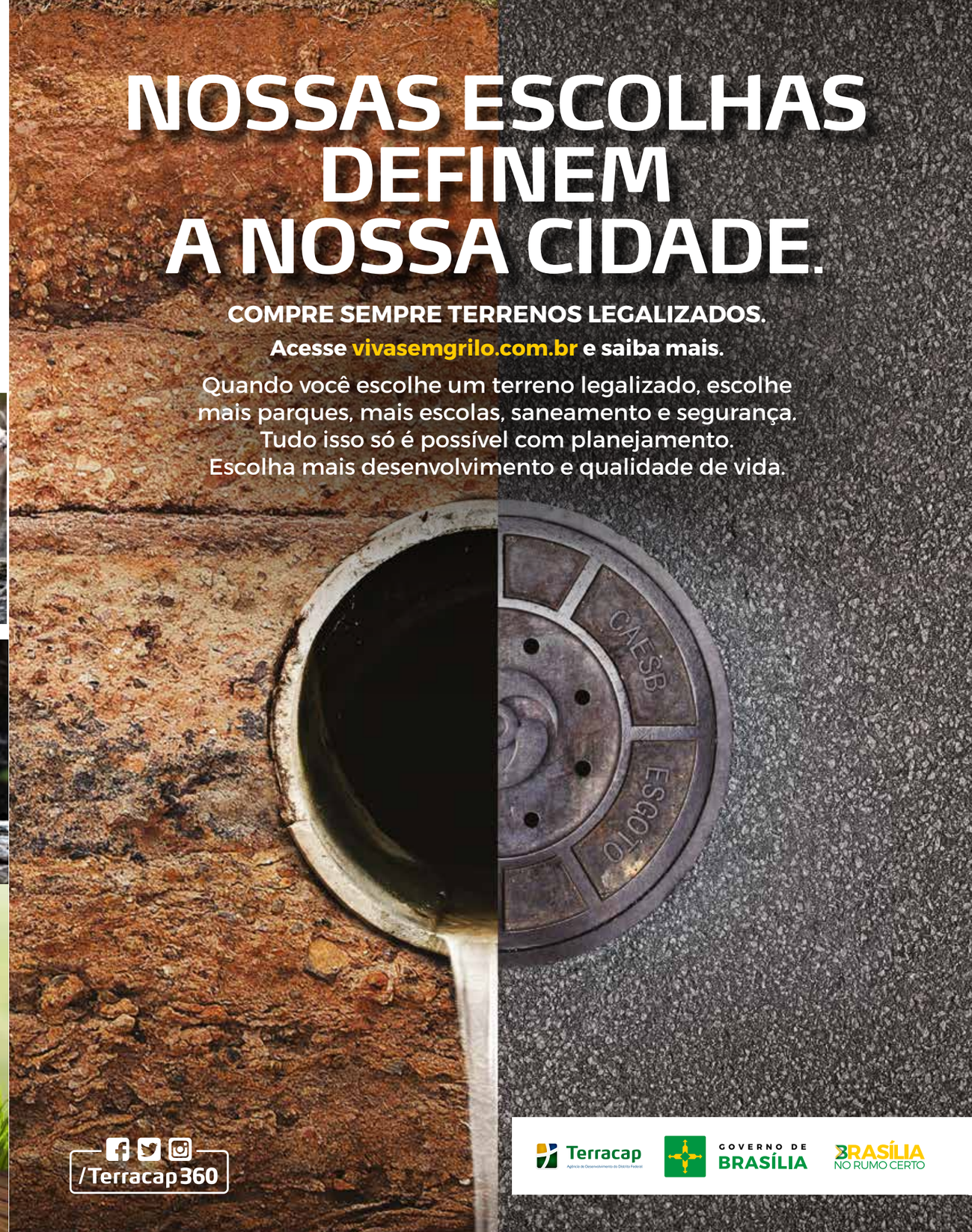
Por apresentar uma carne muito apreciada no Nordeste, o mocó tem sua sobrevivência ameaçada pela caça. No entanto, sua agilidade e capacidade de fuga em ambientes pedregosos, além de seu olfato aguçado, têm garantido a permanência desse mamífero ao longo dos anos.

Dessa forma, quando é percebida a aproximação de uma ameaça, esses roedores emitem um som de alerta que pode ser ouvido a longa distância, chamando a atenção dos demais membros do grupo.

Fotos: Eduardo Henrique de Sá Júnior

ERRATA: Esta matéria saiu na edição 27 e volta a ser publicada nesta edição porque, em janeiro, por equívoco, a matéria sobre o Mocó saiu com fotos da Asa Branca. Nos dois casos, as fotos e o texto são de Eduardo Henrique, administrador da página Viva Caatinga no Facebook e parceiro da Xapuri.

Eduardo Henrique de Sá Júnior – Estudante de Agronomia na UFRPE, administrador da página Viva Caatinga, fotógrafo da natureza.



AO VIVO

TODAS AS SEXTAS,

ÀS 14H30, NA TV COMUNITÁRIA, CANAL 12 DA NET.

AS EDIÇÕES SÃO REPRISADAS NOS SEGUINTES DIAS E HORÁRIOS

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
13H	23H	13H	18H	22H30	12H	16H30

Assista também no portal **bancariosdf.com.br** e no **facebook/bancariosdf**

BANCÁRIOS DF
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA